

**JULIA BARBOSA DANTAS**

**PAISAGENS SONORAS DO RÁDIO:  
A representação da cidade no programa Chamada Geral**

**PORTO ALEGRE  
2008**

**JULIA BARBOSA DANTAS**

**PAISAGENS SONORAS DO RÁDIO:  
a representação da cidade no programa Chamada Geral**

Monografia de conclusão do curso, apresentada como requisito parcial à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cida Golin

**PORTO ALEGRE  
2008**

**JULIA BARBOSA DANTAS**

**PAISAGENS SONORAS DO RÁDIO:  
a representação da cidade no programa Chamada Geral**

Monografia de conclusão do curso, apresentada como requisito parcial à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cida Golin

BANCA EXAMINADORA

-----  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cida Golin – UFRGS

-----  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Kovarick – UFRGS

-----  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Deus – UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Cida, pelo rigor, dedicação e paciência

Ao meu pai, pelas gravações que eu não pude fazer

À minha mãe, pela revisão que eu não saberia fazer

Aos meus colegas, pelo espírito de coletividade

## RESUMO

Esta monografia se baseia em gravações de uma semana composta do programa Chamada Geral, da rádio Gaúcha, a fim de, a partir de um estudo de caso específico, analisar a maneira como o radiojornalismo representa o espaço urbano, no caso, a cidade de Porto Alegre. Inicia-se este trabalho com uma contextualização teórica para apresentar o conceito de Paisagem Sonora e traçar as relações entre rádio e cidade. A segunda parte aprofunda-se nas especificidades do discurso radiofônico e do radiojornalismo, abordando as ferramentas com as quais os profissionais contam para recriar a realidade por meio do som. A terceira e última parte analisa o objeto de estudo a partir das tabelas criadas para o segmento de rádio da pesquisa em desenvolvimento na faculdade de Comunicação da UFRGS Porto Alegre Imaginada. Estudando o programa a partir de estratos sonoros, estabelecem-se as representações de Porto Alegre apresentadas pelo discurso jornalístico em questão e desenha-se o mapa da cidade dentro do rádio. Ao final deste percurso, foi possível encontrar o recorte da cidade que o Chamada Geral se propõe a fazer em sua cobertura e algumas das funções que o rádio cumpre junto aos cidadãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** paisagem sonora - radiojornalismo - espaço urbano - Chamada Geral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	8
<b>2 PAISAGENS SONORAS: A CIDADE E O RÁDIO</b>	11
2.1 O conceito de Paisagem Sonora	11
2.2 Sons fundamentais, sinais e marcas sonoras	12
2.3 As paisagens <i>low-fidelity</i> da cidade	13
2.4 Cidade e rádio	16
2.5 O tempo da cidade e o tempo da radiodifusão	17
2.6 A relação com os ouvintes	19
<b>3 O DISCURSO RADIOFÔNICO E O RADIOJORNALISMO</b>	20
3.1 Características do enunciado radiofônico e o radiojornalismo	20
3.2 A Voz no rádio	23
3.3 Elementos não-verbais	25
3.3.1 Música	25
3.3.2 Efeitos sonoros, ruídos e silêncio	26
3.4 Imagens mentais	28
3.5 Estruturas do radiojornalismo	30
<b>4 PORTO ALEGRE NO RADIOJORNAL CHAMADA GERAL</b>	33
4.1 O objeto de estudo	33
4.2 Metodologia	34
4.3 Resultados do estudo de caso	35
4.3.1 Identificação e ficha técnica	35
4.3.2 Descrição do programa	36
4.3.3 Estrato sonoro	36
4.3.4 Estrato fônico-lingüístico	38
4.3.5 Estrato temporal	39
4.3.6 Objetos apresentados na narração	41
4.4 Observações gerais sobre conjunto de programas	44
4.4.1 A voz jornalística	44
4.4.2 O discurso	45

4.4.3 Elementos não-verbais .....	46
4.4.4 As impressões de Porto Alegre .....	47
4.4.5 O formato da rádio Gaúcha e do Chamada Geral .....	48
4.4.6 O tempo no programa .....	48
4.4.7 Sons fundamentais, sinais e marcas sonoras no Chamada Geral .....	49
4.4.8 Dos ouvintes .....	50
4.4.9 O mapa da cidade .....	50
<b>4.5 Conexões com o segmento rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada .....</b>	<b>51</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO A – TABELA DE INFORMAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO B – TABELA DO DIA 24 DE MARÇO – SEGUNDA-FEIRA .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO C – TABELA DO DIA 1 DE ABRIL – TERÇA-FERA .....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO D – TABELA DO DIA 9 DE ABRIL – QUARTA-FEIRA .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO E – TABELA DO DIA 17 DE ABRIL – QUINTA-FEIRA .....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO F – TABELA DO DIA 25 DE ABRIL – SEXTA-FEIRA .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO G – TABELA DO DIA 3 DE MAIO – SÁBADO .....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A audição é subestimada pelo homem. Desde a invenção da escrita, à visão foi concedida supremacia sobre os outros sentidos. O mundo é pensado para os olhos: há esforços para se criar cidades bonitas, para se construir pontos ou monumentos turísticos fotografáveis, para eliminar a poluição visual. Não se costuma encontrar iniciativas semelhantes na criação de ambientes sonoros agradáveis, e a poluição sonora é apenas controlada para não atingir níveis ensurdecedores. Da mesma forma, apenas as paisagens visuais são registradas e arquivadas como documentos históricos, os sons ambientais característicos de uma época, ou de um espaço que não existe mais, se perderam para sempre.

Apesar da falta de registros, sabe-se que os sons das cidades passaram por profundas mudanças. Antes da invenção da máquina, o homem vivia cercado de sons naturais, paulatinamente substituídos por sons manufaturados. Sai de cena o machado, entra a serra elétrica. Especialmente após a Revolução Industrial, as cidades transformaram-se em espaços de sons *low-fidelity*, identificadas pelo constante ruído de baixa frequência das fábricas, dos carros e motores.

São nestes espaços urbanos que não conhecem silêncio que considerável parte da população mundial vive atualmente. É sobre uma cidade específica e a representação de suas paisagens sonoras em uma mídia específica que versa este trabalho. Logo, a presente monografia tem como tema a análise da representação de Porto Alegre por meio de recursos do radiojornalismo no programa Chamada Geral, da rádio Gaúcha.

Na problematização desta temática, lançamos algumas perguntas que devem nos ajudar a compreender como é a cidade representada pelo radiojornalismo no programa em estudo: que ferramentas são utilizadas na construção da cidade no rádio? As paisagens sonoras verificadas na cidade são representadas na rádio? Quais os tempos da cidade e do radiojornalismo? Que espaços da cidade são referenciados no programa em estudo?

Como objetivo principal, esta monografia pretende entender como o radiojornalismo representa o espaço urbano a partir de um estudo de caso específico. Como objetivos específicos, busca-se perceber as paisagens sonoras de Porto Alegre no programa Chamada Geral, verificar os

espaços e temas constantes na pauta do radiojornal, levantar possibilidades de representação no rádio revelando a presença da cidade no rádio e do rádio na cidade.

A fim de alcançar nossas metas, adotamos uma metodologia que adota a pesquisa bibliográfica e estudo analítico do objeto em questão. Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para iluminar as questões pertinentes ao objeto. Partindo do compositor canadense e pesquisador do som Murray Schaffer (2001), buscou-se desenhar um panorama das idéias e estudos que sustentam o conceito Paisagem Sonora. Os questionamentos levantados neste trabalho nasceram do estudo das paisagens sonoras de Porto Alegre para a disciplina de Produção e Difusão em Radiojornalismo I, em 2006. Da comparação entre estas paisagens e aquelas presentes no radiojornalismo, pergunta-se a respeito da correspondência entre elas.

Tendo Schafer como referência para as noções de Paisagens Sonoras, buscou-se em pesquisadores de rádio os fundamentos para o estudo do radiojornalismo. Na obra de Eduardo Meditsch (1999 e 2003), buscaram-se, principalmente, as especificidades da linguagem radiofônica e as estruturas do conteúdo noticioso. Para contribuir com as questões de ritmos e as relações com os ouvintes, parte-se de José Eduardo de Menezes (2007). Em Armand Balsebre (2005), encontram-se os princípios da construção de uma realidade própria do rádio e as conexões desta com o mundo real.

Para compor a amostra do programa Chamada Geral, foi gravada uma semana composta de segunda-feira a sábado no período que vai de 24 de março a 3 de maio de 2008. Na análise das gravações, foram utilizadas as tabelas analíticas criadas para o segmento de rádio da pesquisa em andamento Porto Alegre Imaginada, desenvolvida por professores e pesquisadores da UFRGS, que visa identificar diferentes dimensões na construção dos imaginários urbanos. Por fim, traça-se um paralelo entre os resultados encontrados na análise do nosso objeto de estudo e os resultados da pesquisa Porto Alegre Imaginada a fim de relacionar as descobertas e traçar um perfil mais abrangente da representação de Porto Alegre no radiojornalismo feito na cidade.

Assim, dividimos este trabalho em três seções. O primeiro capítulo apresenta a conceituação de Paisagem Sonora – todos os sons de um determinado ambiente – e explicita as noções de “sons fundamentais”, “sinais” e “marcas sonoras”. Este segmento também faz uma breve regressão histórica a fim de elucidar as mudanças pelas quais os ambientes sonoros das cidades passaram desde a invenção da fábrica e o efeito que estas alterações tiveram na audição

humana. A disseminação das máquinas no ambiente habitado pelo homem cria uma paisagem sonora *lo-fi*, que persiste até hoje nos nossos espaços urbanos. Entrando no estudo dos espaços urbanos, observam-se as relações que a cidade mantém com o rádio, inserindo-se nele e abrigando-o ao mesmo tempo. Entre as aproximações de rádio e cidade, destaca-se aquela que diz respeito aos ritmos dos indivíduos e os ritmos da radiodifusão. Por fim, pretende-se abordar o uso que os ouvintes fazem do rádio e como as emissoras se definem a partir do seu público.

No segundo capítulo, chegamos às especificidades do radiojornalismo, enumerando suas características e as características do enunciado radiofônico. Afunilando o tema, falamos sobre a voz do jornalista e os elementos não-verbais do rádio (música, efeitos sonoros e ruídos). O debate acerca da utilização destes elementos nos leva à questão da imaginação do ouvinte a partir exclusivamente do som. Lança-se ainda um olhar sobre as diferentes possibilidades de estruturação da programação radiofônica.

O terceiro e último capítulo apresenta de forma detalhada a descrição e características do objeto de estudo. Também se aprofunda na metodologia adotada para a análise do universo de pesquisa, descrevendo as tabelas e os estratos sonoros que ela aborda: sonoro, fônico-lingüístico, temporal e objetos apresentados. Segue à metodologia, a agrupamento do dados elaborados nas fichas. Por fim, são apresentadas as observações finais sobre os resultados onde se podem fazer asserções a respeito da voz jornalística do Chamada Geral, o discurso do programa, os elementos não-verbais pouco utilizados na produção rotineira da rádio, as impressões construídas sobre a cidade a partir dos fatos e sentimentos manifestados. Aplicam-se também os conceitos de Schafer ao ambiente sonoro do programa, buscando traçar o mapa da cidade radiodifundida e estabelecer um diálogo entre estas descobertas e os resultados da pesquisa Porto Alegre Imaginada.

Nas considerações finais, esperamos poder responder às perguntas que deram origem a este trabalho ou, ao menos, nos aproximarmos de suas respostas. Mesmo que nossas questões não possam ser plenamente resolvidas, vemos relevância nestas indagações por apresentarem um caminho possível para se discutir o radiojornalismo, seus limites e suas possibilidades de abordagem e a maneira como a cidade é percebida a partir deste discurso, contribuindo, dentro dos limites de um trabalho monográfico, para os estudos e a reflexão sobre a relação entre as mídias, a percepção e representação do espaço urbano.

## **2 PAISAGENS SONORAS: A CIDADE E O RÁDIO**

Neste primeiro capítulo, apresenta-se o conceito de Paisagem Sonora criado por Murray Schafer, do qual derivam as noções de ambiente sonoro que serão utilizadas ao longo de todo o trabalho. Tendo sempre em vista os efeitos nas paisagens sonoras das cidades, pretende-se traçar uma linha cronológica das mudanças pelas quais passou o universo sonoro do homem a partir da Revolução Industrial. Aprofundando-se no estudo do som, esta primeira parte do trabalho tentará esclarecer as funções que ele cumpriu e cumpre hoje no dia-a-dia. Conforme a visão se sobrepõe à audição, mudam os usos que se fazem dos sons, bem como a importância que se dá a eles e as paisagens sonoras construídas pelo homem no seu entorno.

Retomando o período pré-Revolução Industrial, apresentam-se as habituais manifestações sonoras da cidade e como elas demarcavam o ritmo de vida dos cidadãos, ainda segundo os estudos de Schafer. Com esta lembrança, abre-se caminho para pensar as relações entre som e ritmo nas cidades de hoje, enfatizando, no universo sonoro, a radiodifusão. Busca-se neste momento encontrar o modo como a cidade influencia o rádio e como este representa a comunidade na qual está inserido, interfere no tempo do cotidiano e colabora na sincronização das atividades humanas.

Assim, pretendemos traçar os paralelos entre a cidade real, física, e a cidade sonora e falada do rádio, e de que maneira uma se faz presente na outra, em que pontos elas se tocam ou se afastam e como os indivíduos transitam entre elas. O objetivo é afinar nossa compreensão de como o homem reconstrói com símbolos o ambiente que habita.

### **2.1 O conceito de Paisagem Sonora**

Quando o compositor e pesquisador Murray Schafer criou o conceito de Paisagem Sonora – e desenvolveu os estudos acerca do tema, - ele estava preocupado com os efeitos da industrialização sobre a capacidade de ouvir. A imposição da máquina à vida humana modificou

o ritmo de trabalho do homem tanto quanto os sons aos quais estava acostumado a ouvir diariamente.

Mencionada pela primeira vez no final dos anos 60 pelo grupo fundador do World Soundscape Project<sup>1</sup>, Paisagem Sonora é o total de sons de qualquer ambiente sonoro. Pode se tratar de uma música, do conjunto de sons de uma comunidade, de um programa de rádio. Em resumo, a paisagem sonora pode ser qualquer campo de estudo acústico (SCHAFER, 2001).

## **2.2 Sons fundamentais, sinais e marcas sonoras**

Ao se aprofundar no estudo da Paisagem Sonora, Schafer (2001) fala em sons fundamentais, sinais e marcas sonoras. Som fundamental, termo que ele adota a partir da linguagem musical, é a nota que identifica a escala ou tonalidade de uma composição. É a âncora ou som básico, e, embora o material possa modular à sua volta, obscurecendo a sua importância, é em referência a esse ponto que tudo o mais assume o seu significado especial.

Em um ambiente rural, os sons fundamentais seriam aqueles da geografia natural, como os provenientes de rios, vento e animais. Estes sons ainda seriam responsáveis por influenciar o ritmo de vida da comunidade da qual fazem parte. Como exemplo, pode-se falar na relação entre músicas e ritmos de trabalho. As canções tradicionais de trabalhadores costumam ser pesadas, ao contrário da flauta leve de um pastor. Schafer (2001) encerra seu raciocínio sugerindo que o homem só é capaz de desenvolver o lirismo quando livre do trabalho físico desgastante.

Sinais são os sons que se destacam entre os sons fundamentais. Na paisagem descrita acima, seria o relinchar de um cavalo ou um trovão em noite de tempestade. Também se sobressaindo dos sons fundamentais, a marca sonora é um som único e marcante de uma comunidade que tenha significado especial no ambiente em que está inserido. Pode ser o badalar dos sinos da igreja em horários determinados, ou o apito de um trem que cruze o local.

Os termos usados por Schafer podem ser comparados aos termos que se usa na análise de imagens, segundo a Gestalt. Os sons fundamentais seriam o equivalente ao “fundo” de uma

---

<sup>1</sup> Projeto iniciado por Schafer a fim de disseminar as noções de ambientes sonoros, chamar a atenção para a preservação de sons e compor músicas com sons naturais

figura, enquanto sinais e marcas seriam figuras sobre o fundo. O foco de interesse costuma ser na figura. O fundo, por sua vez, dá a noção de contexto. Conforme o autor:

a isso foi acrescentado, mais tarde, um terceiro termo, *campo*, significando o lugar onde ocorreu a observação. Foram os psicólogos fenomenológicos que apontaram para o fato de que aquilo que é percebido como figura ou fundo é determinado principalmente pelo campo e pelas relações que o sujeito mantém com esse campo. (SCHAFER, 2001, p.214)

Nesse sentido, a paisagem sonora pode ser comparada ao campo visual. Ainda que haja pontos de contato entre o entendimento de sons e imagens, há diferenças essenciais entre os estudos que se pode fazer de cada. Apenas a imagem permite experimentar uma noção abrangente instantaneamente. Ao se olhar uma fotografia, todos os elementos são expostos ao mesmo tempo. O registro sonoro é mais como uma seqüência de *closes*. Não se pode ouvir todas as partes de uma música simultaneamente, é preciso ouvi-las progressivamente no tempo. (SCHAFER, 2001)

### **2.3 As paisagens *low-fidelity* da cidade**

Defensor dos sons naturais, Schafer afirma que, quando era um habitante do campo ou das cidades antes da Revolução Industrial, o homem vivia cercado de sons *high-fidelity*, ou seja, de alta definição. Em um ambiente *hi-fi*, cada som da paisagem sonora pode ser claramente distinguido, pois não há presença substancial de ruído que possa mascarar os outros sons. “Em geral, o campo é mais *hi-fi* que a cidade, a noite mais que o dia, os tempos antigos mais que os modernos”, diz Schafer (2001, p.71). É a ausência da sobreposição de sons que permite uma audição focada.

A inserção da fábrica nas cidades alterou os sons locais. O constante funcionar de máquinas criou um ruído constante que passou a servir de fundo para todos os outros sons da cidade. O ronronar de baixa frequência e contínuo das fábricas constituiu uma paisagem sonora *lo-fi*, na qual a população superdensa de sons torna inaudíveis as pequenas marcas sonoras da comunidade. Enquanto o ambiente sonoro *hi-fi* permite que o ouvido capte sons mais distantes –

já que não há interferência de ruído – na paisagem sonora *lo-fi* perde-se a perspectiva de distância.

Como complementam os professores Carmen Lucia José e Marcos Julio Sergl (2006), em um ambiente *hi-fi*, o ouvido está em estado de alerta, em uma “escuta ativa”. Quando se insere em um ambiente *lo-fi*, o ouvido perde a capacidade de se focar em detalhes da paisagem sonora, assim como perde a capacidade de determinar de onde e de que distância vêm os sons, tornando a escuta “periférica”, indistinta.

A perda da escuta focada leva ainda à perda de estilos vocais. “Não precisávamos que McLuhan nos contasse que, do mesmo modo como a máquina de costura... criou a longa linha reta nas roupas... o linotipo achatou o estilo vocal humano” (SCHAFER, 1991, p.207). A voz chapada e monótona que nasce da deficiência auditiva deve-se tanto à dessensibilização geral do homem ao som como, no caso específico do rádio, ao processo de produção industrial ao qual ele se submete.

O que Schafer sustenta é que, cada vez mais desacostumado à alta definição do som, o ouvido humano se atrofiou e a audição perdeu importância diante dos outros sentidos. Especialmente no Ocidente, a partir da invenção da escrita, a visão se sobrepôs à audição, tornando-se a principal fonte de informação para o homem.

Uma das maiores perdas dessa transformação se percebe ao compreendermos a dimensão do ouvido na nossa construção. De acordo com Christoph Wulf, professor e pesquisador da Universidade de Berlim, é a audição que permite ao homem alcançar uma percepção de si mesmo, ao ouvir seu próprio corpo respirar, digerir, se mover e, particularmente, falar. “É desta forma que o sentido do ouvido tem um papel particular na constituição da subjetividade e da sociabilidade” (WULF, 2007), conclui. A audição integra a percepção do ambiente ao sujeito, pois ao contrário da visão – que não nos permite ver-nos no cenário do mundo – o ouvido capta nossos próprios sons e os do nosso entorno um único cenário auditivo. “Percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós” (MEDITSCH, 2001, p. 258). Esta reação corporal ao som criaria uma certa intimidade física com aquilo que ouvimos. Conforme o professor e pesquisador da UFSC, Eduardo Meditsch, estudos britânicos sobre a percepção do receptor a respeito de diversos meios de comunicação apontam que o rádio é percebido como o mais próximo do público. As expressões “igual a mim” e “mais próximo de

mim” foram utilizadas para descrever o rádio, enquanto à televisão, meio essencialmente imagético, coube as expressões “maior do que eu” e “afastado de mim” (MEDITSCH, 2001).

José Eugênio de Oliveira Menezes, Doutor em Ciências da Comunicação pela PUC-SP, vai na mesma direção ao citar o teórico alemão Rudolph Arnheim: “tão logo o ouvido não está ocupado em escutar, o homem se sente abandonado e no vazio”, (2007, p.32) provavelmente desconectado do mundo que deixou de ressoar dentro de si. É de se supor que por isso passamos o tempo todo tentando preencher a nossa vida de som. No momento que entramos no carro, ligamos o rádio. Assim que chegamos em casa, ligamos a TV para nos fazer companhia. Para fazer exercícios, penduramo-nos em mp3 players. Há até quem ligue o ar condicionado na hora de dormir apenas para ouvir o ronronar da máquina.

Se hoje, nas grandes cidades, podemos estar mais afastados das fábricas, continuamos em um ambiente sonoro *lo-fi*, graças à superposição de zumbidos de eletro-eletrônicos, carros e movimentação de pessoas aos milhares. Esse cenário gera a poluição sonora, um excesso de ruídos que, de acordo com Schafer, aprendemos a ignorar. Mas o efeito do excesso de ruídos não deixa de emergir apenas por não estarmos atentos a eles. Além de prejudicar a audição a longo prazo, a poluição sonora nos aliena dos sons agradáveis que poderíamos possuir em uma cidade. Os sons e ritmos em demasia acabam por anular uns aos outros.

Schafer aponta que no intuito de eliminar o problema,

a poluição sonora vem sendo combatida pela diminuição do ruído. Essa é uma abordagem negativa. Precisamos procurar uma maneira de tornar a acústica ambiental um programa de estudos positivo. Que sons queremos preservar, encorajar, multiplicar? Quando soubermos responder a essa pergunta, os sons desagradáveis ou destrutivos predominarão a tal ponto que saberemos por que devemos eliminá-los. (SCHAFER, 2001, p.18)

Há muitos exemplos negativos a respeito do uso do som nas atividades do dia-a-dia. A melhor maneira de demonstrá-las é seguir o conselho de Schafer e apontar os bons exemplos, que jogam luz sobre as potencialidades ignoradas do som. Poderíamos criar um ambiente sonoro mais agradável até nos momentos mais banais. Um telefonema ao Theatro São Pedro em Porto Alegre é muito mais interessante que um telefonema à Unimed da mesma cidade, apenas porque a música de espera do teatro é uma composição clássica executada por orquestra, enquanto na Unimed toca um estridente som mecânico similar a antigos toques de celular monofônicos. Outro uso interessante do som foi o do órgão fomentador do turismo a Hong Kong, que colocou em seu

website arquivos em mp3 com gravações de som de diversos ambientes da cidade. Há um arquivo para os pássaros da rua, outro para um restaurante chinês e um último para os sons do mercado.

## **2.4 Cidade e rádio**

A pesquisadora gaúcha Marta Campos de Quadros (1997) afirma que cidade e rádio podem ser vistos como espaços para trocas simbólicas, um no plano físico e outro imaterial. Menezes também apresenta proposta de ampliar a noção do rádio como simples meio de informação para vê-lo como um ambiente de misturas sonoras. Esta nova proposta nasce da percepção de que o rádio permite a partilha de sons e sonhos entre pessoas de inúmeros locais diferentes (MENEZES, 2007).

De fato, o surgimento do rádio redefine as maneiras de comunicação da cidade, possibilitando a troca de informações imediata entre seus habitantes e a chegada de informações de qualquer lugar do mundo com maior velocidade. Também na esfera de conteúdo, o rádio está inserido na cidade e deve refleti-la e rerepresentá-la. Como apontam manuais de radiojornalismo e se aprende em aulas universitárias de jornalismo, o rádio deve tratar de temas próximos aos ouvintes. O buraco na rua do bairro é mais relevante que o aquecimento global na pauta de um radiojornal noticioso.

Quanto mais próximos do mesmo contexto sócio-cultural estiverem os emissores e receptores das mensagens, mais completa será a comunicação (BALSEBRE, 2005) e mais fácil será para os repórteres estarem cientes das preocupações dos indivíduos, como o tal buraco na rua. Como, usualmente, locutores e ouvintes vivem na mesma cidade, ou estado, eles compartilham em grande parte da mesma realidade e sua compreensão parte das mesmas premissas. Não apenas a proximidade física os coloca no mesmo contexto sócio-cultural, mas o próprio rádio, ao informar os acontecimentos de um canto da cidade para todos os outros cantos, aproxima os ouvintes e os situa no mesmo lugar no mundo.

Se a cidade pauta o conteúdo dos noticiários, de seu lado, o rádio é capaz de alterar a movimentação de carros nas ruas – conforme dá as informações de trânsito e sugere rotas

alternativas -, ou de fazer os ouvintes mudarem seus trajetos quando a emissora anuncia a presença de uma unidade móvel da rádio em algum ponto da cidade. No auge de audiência do programa Cafezinho, da rádio PopRock, 107.1 FM, houve um período em que os apresentadores do *talk show* pediam para que quem estivesse ouvindo o programa no carro, buzinasse. Não era raro ouvir buzinações em avenidas movimentadas entre meio-dia e uma da tarde.

Esta sincronização de atividades, evidenciada no caso dos buzinações mas presente de maneira mais sutil em outras atividades rotineiras, é o foco dos estudos de Menezes. Diz o autor: “no mesmo momento milhares de indivíduos partilham de um ambiente sonoro, participam dos ritmos do rádio e da cidade, vivenciam um ritmo social que funciona como elo entre o ritmo cosmológico e o ritmo biológico” (MENEZES 2007, p.61).

## **2.5 O tempo da cidade e o tempo da radiodifusão**

O surgimento do rádio volta a unir os momentos de enunciação e recepção do som que o fonógrafo havia separado. As ondas de rádio rompem as barreiras de espaço, mas mantêm a relação com o tempo. Eu ouço o locutor no mesmo momento em que ele está falando. Como será visto mais adiante, mesmo a linguagem do rádio é estritamente temporal.

Além de estar estritamente vinculado ao tempo – como coloca Meditsch (2007), esta relação é definidora e se expressa até etimologicamente nas palavras jornal-jornada e, do latim, diurnalis-diário – o jornalismo também se relaciona com os tempos e ritmos da cidade.

De acordo com Menezes, a mídia cria “através de seus ritos informacionais, como a mesma canção repetida todos os dias, um pulsar rítmico reiterador do tempo” (2007, p.65). Prova disso é a alta velocidade das grandes cidades, onde a percepção acelerada da vida cotidiana leva à aceleração do tempo do rádio que reitera e reforça a pressa do dia-a-dia por meio da rapidez da fala e ausência de pausas. No rádio, não há como escapar do ritmo da emissão: a velocidade da audição depende completamente da velocidade com que os sons são emitidos. Se, na leitura, o homem pode acelerar, pular páginas, reler ou, simplesmente, ler devagar, o som impõe seu tempo. Na sociedade atual, impõe um tempo apressado. Como coloca Meditsch, “por sua

velocidade de funcionamento e também por sua complexidade, a sociedade industrial depende da informação rápida e abundante para monitorar seu funcionamento” (2003, p.103).

Conforme o público a quem fala, a emissora organiza seus programas. Cada rádio trabalha com um estilo de programação e monta sua grade conforme o esquema que melhor funciona para sua audiência. É comum que, nas rádios noticiosas, a previsão do tempo, os relatos do trânsito e as manchetes do dia sejam transmitidos pela manhã, quando a maioria das pessoas se prepara para sair de casa (ainda que estas informações costumem ser retomadas ao longo do dia). Emissoras jovens, nas noites de finais de semana, costumam tocar músicas dançantes. Toda rádio apresenta variações ao longo do dia, com diferenças bem visíveis entre os horários diurnos e os da madrugada. É uma das maneiras que o rádio tem para marcar o tempo.

As repetições também são um recurso para marcar o ciclo do tempo, seja no passar das horas, dias ou semanas ou, até, estações. Dentro de um dia, chamadas, vinhetas ou programetes podem ser veiculados diversas vezes. Como no caso da Gaúcha AM, que a cada hora redonda<sup>2</sup> apresenta o Notícia na Hora Certa, com as últimas informações resumidas rapidamente. A grade de programas de segunda a sexta-feira costuma se repetir no intervalo de um dia, em geral com pequenas variações para dar espaço a programas semanais ou jogos de futebol. Os finais de semana têm uma grade diferenciada com programas especiais. Nas rádios FM, menos formais, mesmo estações do ano podem ganhar tratamentos diferentes. É comum o verão, época de férias, ganhar programas especiais. Schafer chamou esses padrões de isorritmos, e afirmou: “Como sinais sonoros da comunidade, eles fixam o tempo e ajudam os ouvintes a obter orientação temporal” (2001, p.326).

É claro que estes são exemplos que partem de casos muito específicos de determinadas emissoras: cada estação e cada país tem seu próprio tempo de radiodifusão, mas Schafer aponta com preocupação o fato de que, de maneira geral, a velocidade tem aumentado com o passar dos anos, “passando de tranqüilo a irresponsável” (2001, p. 140).

O ritmo da radiodifusão está ligada a horários, mas também a lugares. Nas grandes cidades, o fluxo de informações é constante, a fala é rápida, não há nunca pausas ou momentos de silêncio. “No entanto, em cidades pequenas, ao contrário da pressa e do trânsito caótico, o obituário e informações sobre baixas e internações hospitalares ganham visibilidade e tratamento de serviço ou notícia” afirma a professora e pesquisadora Cida Golin. (2007)

---

<sup>2</sup> Exceto em quatro horários: 8h, 13h, 19h e 20h

## 2.6 A relação com os ouvintes

Para a pesquisadora gaúcha Marta Quadros, o rádio proporciona ao ouvinte uma vivência que permite classificá-lo como um instrumento de sociabilidade, pois nos obriga a reconhecer a presença do outro, na forma dos outros ouvintes a quem o locutor fala (QUADROS, 1997). Esta aproximação entre os ouvintes, e dos ouvintes com a cidade, costuma se dar de maneira mediada por um narrador (geralmente um jornalista) que apresenta a cidade por meio da fala. É a voz humana que pinta a cidade e não os seus próprios sons ambientais.

Entretanto, é importante ressaltar que a literatura técnica enfatiza o fato do rádio falar a cada um dos ouvintes e não a uma audiência coletiva. Ainda antes da multiplicação dos aparelhos receptores nas casas, que acabou com o hábito da reunião de pessoas em torno de um móvel na sala, os profissionais do rádio “já haviam constatado que se comunicavam com cada ouvinte em particular, mesmo que este se encontrasse fisicamente em grupo, e que isso diferenciava o seu meio das formas de comunicação coletiva conhecidas até então” (MEDITSCH, 2001, p. 244).

Este discurso direcionado ao indivíduo se deve, em parte, à maior segmentação do público do rádio, quando comparado aos outros meios de comunicação disponíveis. Enquanto a televisão aberta oferece um limitado número de canais, que acabam trabalhando para atingir a todos da maneira mais generalista possível, a radiodifusão aberta conta com uma oferta muito maior no número de emissoras, o que torna seu público menor em número, mas mais específico. O rádio, portanto, pode se dar ao luxo de conhecer melhor seus ouvintes e se dirigir a eles de maneira mais personalizada. Assim, não surpreende que as emissoras determinem seu modo de leitura e, mais que isso, sua maneira de construir o conhecimento, levando em consideração seu público ouvinte (MEDITSCH, 2001, p.248).

É graças a esta grande oferta de canais de emissão e forte segmentação do público que nascem rádios dedicadas inteiramente a um tipo de conteúdo. As duas principais vertentes do rádio passam a ser as emissoras voltadas à informação e as emissoras voltadas ao entretenimento. A separação entre os diversos conteúdos do rádio gera os diferentes estilos de fala, apresentação e organização. As especificidades do rádio informativo serão abordadas no próximo capítulo.

### **3 O DISCURSO RADIOFÔNICO E O RADIOJORNALISMO**

Neste capítulo, apresenta-se uma abordagem do enunciado radiofônico, bem como da voz, da fala e dos elementos não-verbais no rádio, discutindo boa parte das questões que servirão, mais tarde, para a observação de nosso objeto de estudo. A discussão acerca dos potenciais do discurso radiofônico leva às diversas opiniões sobre a recepção da mensagem: enquanto uma escola de pensamento defende que o rádio deve se esforçar em criar imagens mentais junto aos ouvintes, outros teóricos defendem as restrições naturais do meio como uma forma poderosa de abstração e expressão intelectual. Por fim, apresentamos as estruturas do radiojornalismo e as mudanças que vêm sendo percebidas nas grades de programação das emissoras noticiosas.

#### **3.1 Características do enunciado radiofônico e o radiojornalismo**

Em termos de desenvolvimento de linguagem, o radiojornalismo perde para a arte radiofônica. Apenas pouco mais de uma década após o surgimento do rádio, Rudolph Arnheim já via nas expressões artísticas do rádio uma grande conquista. Como nos conta Eduardo Meditsch, Arnheim se mostrou extremamente empolgado com a possibilidade de unir música, harmonia, ritmo e palavra no mesmo mundo. Até então, apenas a música fora capaz de isolar a acústica como forma de expressão, e agora o rádio se apropriava da audição humana, o sentido mais estimulante do homem (MEDITSCH, 2001). Mas o radiojornalismo se mostraria menos dado a inovações e expressões estéticas.

Os desdobramentos do uso do rádio que impressionaram Arnheim tiveram seqüência apesar das limitações intrínsecas ao meio. Contando apenas com o som para trabalhar – o que Arnheim via como uma virtude – o rádio precisa explorar ao máximo seu único instrumento a fim de maximizar seu alcance junto ao público. Uma das mais sensíveis limitações do rádio é que o som pode apenas registrar aquilo que se move, aquilo que acontece, se modifica ou ocorre. “As presenças do mar e de um relógio podem ser facilmente captadas por meio auditivo, mas as de uma flor e de um vaso não podem ser adivinhadas, senão pelo olfato, a visão, ou o tato – a não

ser pelo auxílio da ação da palavra”, nos diz Meditsch (2001, p.157). Por outro lado, talvez esta seja uma das proximidades entre rádio e jornalismo, já que este também registra apenas ocorrências e não aquilo que permanece imóvel e imutável.

Habitualmente criado no instinto, o radiojornalismo é carente de estudos profundos e, mesmo, de experimentações. A teoria existente para explicar o rádio não chega nem próxima, por exemplo, daquela existente para a música. Por este motivo, Meditsch faz a seguinte comparação: “Como ocorre com músicos práticos, às vezes virtuosos, com outros instrumentos, alguns profissionais são capazes de extrair prodigiosos efeitos rítmicos de uma montagem, embora sejam incapazes de descrevê-los” (2001, p.161).

Em parte por esta carência de dedicação ao estudo desta mídia, o radiojornalismo desenvolveu-se de maneira um tanto pobre, passando ao largo de possíveis inovações e usos de linguagem. Se o pesquisador argentino Ricardo Haye defende que o radiojornalismo deveria, ou, ao menos, poderia retratar a experiência completa que acompanha a informação, ele certamente se decepcionaria com o radiojornalismo praticado hoje no Brasil. Haye acredita no uso de distintos recursos sonoros – música, som ambiente e silêncios, além da palavra – para que além de ouvir, o ouvinte também partilhasse de outras percepções a partir daquilo que se escuta (2005, p.350). A diversidade de recursos sonoros combinados harmoniosamente levaria à variedade expressiva, à maior referencialidade, ao envolvimento do ouvinte na decodificação da mensagem e maior clareza do conteúdo. Em contrapartida, diz Haye:

quando algum deles prevalece, a comunicação radiofônica compromete essas capacidades. Neste sentido, o predomínio exagerado da palavra submete as mensagens ao risco da verborragia, que incomoda o ouvinte e se transforma em um ruído capaz de perturbar o processo comunicativo. O uso excessivo do verbo contribui para o empobrecimento dos termos e sua capacidade de evocação simbólica (...) (HAYE, 2005, p. 351)

A linguagem radiofônica mantém estreitas semelhanças com a linguagem fonográfica, mas difere dela em um ponto determinante. A fonografia permitiu ao homem gravar sons, conservá-los, transportá-los e editá-los, separando o momento da emissão e o momento da recepção. Na radiofonia, emissor e receptor compartilham de um contexto temporal, pois o processo comunicacional se dá em tempo real. Como coloca Meditsch (1999, p.124), “a linguagem do rádio, uma vez morta, uma vez considerada linguagem *dada*, não se distingue em

nada da linguagem fonográfica. O que a distingue é não existir na realidade como dada, existe apenas *dando-se* no discurso”.

Entender a radiofonia desta maneira é o que nos permite incluir no conceito de rádio suas novas manifestações. Ao definir a linguagem radiofônica como uma “composição sonora invisível de palavra, música, ruído, silêncio, enunciada em tempo real” (MEDITSCH, 1999, p127), estamos falando não apenas das transmissões por rádio-freqüência, mas também das rádios na internet, por cabo ou satélite. A definição do que é rádio se desloca da forma de difusão para a especificidade do discurso.

Para reproduzir o real o rádio conta apenas com aquilo que soa, que deve sugerir ao ouvinte uma situação completa, com cenário, personagens, ações e situações. É preciso ainda eleger um número restrito de sons para cumprir a tarefa, pois o excesso de sons ou sua justaposição tornará o resultado um emaranhado incompreensível para o ouvido.

Meditsch sugere que a limitação do rádio não é tanto determinada pelo material de que ele dispõe, quanto por convenções desenvolvidas pelo seu uso (1999). O jornalismo de rádio é a mais imediata de todas as formas de jornalismo, o único a ser transmitido em tempo real (a única concorrência próxima nesse quesito seriam as coberturas minuto-a-minuto na internet, mas que dão as informações de forma bastante reduzida), o que torna impossível trabalhar o som antes de transmiti-lo.

Ana Baumworcel, ao comentar os estudos de Balsebre, chama a atenção para o fato de que a alta velocidade na produção de conteúdo para o rádio muitas vezes pode engessar padrões e limitar a criatividade. A autora aponta que os jornalistas, “submetidos às rotinas profissionais que supervalorizam o imediatismo e a velocidade, nem sempre aproveitam todo o potencial do veículo” (2005, p.341). Como exemplo dos efeitos que isso tem sobre a produção radiofônica, ela aponta que no Brasil as rádios adotaram padrões bastante fixos, ficando relegada às rádios FM a transmissão de música e às rádios AM a linguagem verbal: apenas a palavra falada. “É uma forma pobre de utilizar a potencialidade da linguagem do veículo”, diz Baumworcel (2005, p.339). Mas mudanças vêm ocorrendo nesse panorama. A Rádio Gaúcha, sempre identificada com a transmissão AM, acaba de, em maio de 2008, se tornar também FM, transmitindo seu sinal nas duas freqüências.

Antes de mais nada, o rádio, e especificamente, o radiojornalismo deve informar. Ainda que seja possível usar o rádio para criar reportagens mais trabalhadas, obras de dramaturgia e

uma infinita variedade de programas com elaborados efeitos especiais, o rádio não pode ser uma obra de arte a cada minuto, “o jornalista não tem a mesma liberdade que tem o artista na composição de sua obra”, já que “tem como ideal a reprodução fiel de uma realidade exterior a que se refere. A realidade referencial representa, assim, um freio à criatividade do jornalismo” (MEDITSCH, 2001, p. 175). O que também não significa que os programas tradicionais não possam buscar nos elementos sonoros não-verbais formas de enriquecer a experiência do ouvinte e contribuir com o objetivo final de informar da forma mais completa possível.

Haye nos lembra que, mais do que apenas uma mensagem, o discurso é um espaço onde se constrói um intercâmbio entre sujeitos e onde ocorre a negociação de sentidos entre eles. Esta afirmação leva-o a conclusão de que no discurso produzido pelo emissor também estão presentes seus potenciais receptores, que deixam suas marcas na maneira que o emissor vai se dirigir a elas (HAYE, 2005, p.348) Não por outro motivo, rádios de elite diferem tanto de rádios populares ou de outros segmentos. Em Porto Alegre, por exemplo, é fácil perceber como na Rádio Guaíba, dirigida a um público de maior poder aquisitivo e idade avançada, os locutores falam geralmente de maneira sisuda e contida, enquanto na Rádio Ipanema, voltada ao entretenimento de um público jovem, o discurso é repleto de gírias e sotaques marcantes.

De fato, o texto é indispensável no radiojornalismo, mas ele pode ganhar força, impacto e poder de captar a atenção do ouvinte com a ajuda de outros sons. A programação radiofônica normalmente serve como pano de fundo para outras atividades nas quais o ouvinte está envolvido enquanto escuta rádio, o que torna sua atenção flutuante. No intuito de contornar o problema, os radialistas adotam estruturas sintáticas menos complexas, linearizando a comunicação e passando longe de qualquer elemento que possa causar estranhamento ao ouvinte, disperso, que acompanha a transmissão em tempo real e de forma pouco reflexiva. Como um dos efeitos desse esforço extremo de simplificação, Meditsch aponta o locutor “neutro” (1999).

### **3.2 A Voz no rádio**

O locutor neutro seria aquele totalmente despersonalizado, espécie de “instrumento de estúdio” e não uma pessoa de carne e osso falando a outras pessoas de carne e osso. Este padrão

de sobriedade perdurou – e perdura em alguns casos – especialmente nas emissoras que se dirigiam a um público de elite. Entretanto tal neutralidade na voz humana é impossível, pois toda fala possui um grão de voz, que nasce de componentes psicológicos de quem fala e de variáveis sociolingüísticas, pois cada grupo social possui sua própria linguagem (BARTHES, 2004).

Apesar de não ser incentivado, esse “grão de voz” pode ser benéfico ao radiojornalismo. Claro que as peculiaridades de cada locutor raramente serão apresentadas naturalmente, pois o rádio é feito de uma naturalidade pensada, uma espontaneidade planejada. Balsebre aponta que, na leitura de um texto, o locutor tenta reproduzir certa intimidade para eliminar o efeito distanciador (2005, p.330) e esta intimidade pode ser melhor construída se o locutor fizer uso da subjetividade da sua empostação de voz, entonação e ritmo. Conforme Menezes (2007), Arnheim defende que os repórteres devem manifestar um estado de ânimo a fim de descrever os acontecimentos de maneira que permita ao ouvinte viver intensamente o que está acontecendo.

Além de aproximar o ouvinte, a voz do locutor é um dos principais instrumentos de que ele dispõe para prender a atenção do público. A emoção identificada na voz do locutor pode contribuir, até, com a memorização do conteúdo por parte do ouvinte (MEDITSCH, 2001). Ao contrário do que ocorre em um texto impresso, quem ouve um noticiário não pode voltar atrás para resgatar uma informação, esclarecer uma dúvida ou reler com mais atenção. Ainda assim, o rádio muitas vezes adota o “projeto gráfico” dos jornais impressos. O que se imprime como manchete, em letras grandes, é reproduzido no rádio aos gritos. (MEDITSCH, 1999).

O discurso do locutor só pode ser acompanhado em tempo real, desaparecendo assim o que é enunciado, e, por isso, deve se fazer o máximo de esforço em não desligar a atenção do ouvinte. Nesta empreitada, na qual “as estratégias de coerção são totalmente inócuas sobre o receptor de rádio, e seus objetivos são melhor alcançados por estratégias de sedução” (MEDITSCH, 2001, p.251), um dos truques dos profissionais do rádio consiste no jogo de vozes entre mais de um locutor. A alternância de vozes estabelece um ritmo que ajuda a prender a atenção do ouvinte, que, como um reflexo, tende a acompanhar mudanças no ambiente sonoro. Além disso, a intercalação também sinaliza mudanças de assunto e procedências das informações, estabelecendo a organização do universo de notícias, personagens e acontecimentos ao qual o programa está se referindo.

Com o mesmo objetivo de prender a atenção do ouvinte, Balsebre destaca o uso da melodia do discurso.

Ela dá continuidade temporal e sintagmática. É preciso atenção, pois mesmo num discurso com frases curtas e simples, se o locutor não tratar a melodia como um recurso de sua “gramática expressiva” produzirá uma “mono-tonia” dando origem a desconexão da comunicação, devido ao cansaço, desatenção e perda de interesse por parte do ouvinte. (BALSEBRE, 2005, p. 332)

O tom de voz e a entonação não apenas prendem a atenção, como também são capazes de passar informações valiosas ao ouvinte. Por exemplo, em uma entrevista, “o tom da pergunta indica aos ouvintes submissão ou desafio ao entrevistado, admiração ou desprezo por sua pessoa, concordância ou desconfiança com as suas respostas, sem que nada disso necessite ser explicitado em palavras” (MEDITSCH, 2001, p.192).

### **3.3 Elementos não-verbais**

#### **3.3.1 Música**

A música é dos elementos comumente subtilizados na produção para a radiodifusão. As aparições musicais costumam se dar por meio da reprodução completa de canções, que, no Brasil, é o uso mais freqüentemente encontrado nas rádios FM.

Muitos profissionais temem que a utilização da música fora dos padrões já definidos possa pôr em xeque a credibilidade da informação veiculada. Por isso, no radiojornalismo, a música é muito menos presente do que na arte radiofônica, como também o são os ruídos e silêncios intencionais. O conteúdo noticioso só é acompanhado de música caso se refira a um espetáculo, um compositor ou em produções especiais. Além disso, só encontramos música naquilo que Meditsch (2001) denominou a embalagem do radiojornalismo, ou seja, o início e o final do programa ou mudanças de bloco, etc.

Balsebre aprofunda o estudo a respeito de como a música interfere na mensagem:

A percepção das formas sonoras musicais produz uma multiplicidade de sensações e contribui para a criação de imagens auditivas. A informação estética da música descreve a relação afetiva de nível conotativo do sistema semiótico da linguagem radiofônica. E o

uso da música junto com a palavra traz uma harmonia peculiar. A música radiofônica tem duas funções estéticas básicas: expressiva, quando o movimento afetivo da música cria “clima” emocional e “atmosfera” sonora, e descritiva, quando o movimento especial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato. (BALSEBRE, 2005, p. 332)

Contrariando a idéia de que a música possa minar a credibilidade jornalística em uma reportagem, Ana Baumworcel cita um caso bem sucedido de uso de música em conteúdo jornalístico. Em uma reportagem sobre os vinte anos da morte do presidente Tancredo Neves, ela elogia a colocação da música *Coração de Estudante*, de Milton Nascimento e Fernando Brant, pois remete os ouvintes que viveram aquele momento histórico diretamente à emoção da época. Para Baumworcel, a repetição da música ao longo da reportagem é uma representação da comoção popular (2005).

### 3.3.2 Efeitos sonoros, ruídos e silêncio

Antes de mais nada, é importante diferenciar o ruído sonoro que contribui com a mensagem do ruído proveniente de falhas. O ruído que contém informação, que ajuda a compor uma cena ou personagem, equivale ao que também se chama de efeito sonoro. Trata-se de um som ambiente como os gritos de um protesto ao fundo da voz do repórter ou o rugido de um leão em uma reportagem na África.

O ruído que nasce de uma falha é explicado por Hays da seguinte maneira: “quando o som se converte em um elemento perturbador da recepção da mensagem, estamos na presença de um ‘ruído’” (2005, p.354). São os sons não desejados em hipótese alguma, como a interferência nos fios em dias de tempestade, interferência de outras emissoras com frequência desajustada, erros gramaticais ou má pronúncia de palavras por parte do emissor e, ainda, as distrações exteriores que competem com o rádio pela atenção do ouvinte.

O ruído proposital, o efeito sonoro, que constrói cenários e contém informação, pode ser classificado de maneira muito semelhante à música. Apenas para os efeitos, Hays cria duas caracterizações específicas, passíveis de serem aplicadas a qualquer manifestação de ruído. O “efeito de som objetivo” é aquele que reflete com exatidão a procedência, representa o real, em geral sincronizado com a ação. De outro lado, o “efeito de som subjetivo” produz sons irreais,

como o bater de asas de anjos, máquinas inventadas e demais situações fantásticas (2005, p. 353). Este tipo de som obviamente não encontra seu espaço no radiojornalismo, mas serve muito bem a outros tipos de peças radiofônicas.

Ana Baumworcel nos dá um bom exemplo de um feliz uso de ruídos sonoros no radiojornalismo. A dissertação de mestrado da autora, “Sonoridade e resistência, a Rádio Jornal do Brasil na década de 1960” (Baumworcel, 2005), analisou os sons ambientes da década de 60, comentando como as transmissões de passeatas estudantis burlavam a censura e faziam chegar ao ouvintes os gritos de “assassinos” e os sons de tiros de revólver. Enquanto o locutor no estúdio apresentava, em texto, a versão oficial militar dos fatos, os sons das ruas faziam o contraponto, dando voz aos estudantes em um momento em que notícias sobre o movimento estudantil eram proibidas.

Júlia Silva, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, defende a utilização de efeitos sonoros não apenas pelo papel que eles exercem na plenitude da mensagem, mas também porque, como ela coloca a partir dos estudos do jornalista e pesquisador britânico Paul Chantler, o som ambiente só tem força reproduzido, pois não é percebido na realidade, mas parece saltar para fora do rádio quando é transmitido. Silva completa que :

Quando sonoplastia e texto entram em equivalência, um traço da materialidade da palavra é emprestada à sonoplastia e vice-versa. Trata-se da transmutação do verbal em sonoplastia (efeito sonoro e trilha) e da sonoplastia em verbal num processo de equivalência, justaposição dos sentidos em que paralelismo e simultaneidade se equilibram. (SILVA)

Também o silêncio cumpre um papel no rádio. De acordo com Balsebre, ele é um elemento distanciador, um momento para a reflexão do ouvinte, o que o tornaria um sujeito ativo na interpretação da mensagem. Vale lembrar que o cérebro pára de prestar atenção depois de seis a dez segundos ouvindo a mesma forma sonora, e o mesmo acontece com o silêncio que pode até vir a parecer uma falha na transmissão (2005, p.334).

### 3.4 Imagens mentais

Há uma interessante discussão acerca das imagens mentais que o rádio desperta, e se deveria ou não incentivá-las. Na França, surge e predomina a vertente de pensadores que defende a compensação da falta de imagens pela imaginação visual do ouvinte. A função do emissor seria desenvolver e direcionar as imagens criadas pelo receptor. A partir de outro ponto-de-vista sobre a mesma questão, muitos estudiosos do rádio negam que a falta de imagens seja um problema a ser compensado. Para eles, a economia de recursos do rádio aproxima-o do grau de abstração alcançado pela música e pela palavra tornando-o um meio mais poderoso para a expressão intelectual (MEDITSCH, 2001).

Conforme explica Meditsch, Arnheim é um dos defensores da lei da economia no rádio, segundo a qual toda obra de arte deve ser composta apenas com aquilo que contribui para o seu significado, sem excessos. A limitação ao som no rádio, portanto, faria dele o veículo mais próximo da economia. Nesse sentido, Arnheim acreditava que a imaginação visual do ouvinte não deve ser chamada com frequência, apenas quando estritamente necessária. “Fora disso, é um ruído na comunicação, atrapalha e não tem sentido, como não teria pintar uma estátua com a cor da pele”, completa Meditsch (2003, p.108).

Júlia Lúcia Albano da Silva argumenta que o poder de sugestão do rádio é acentuado conforme se alimenta a imaginação do ouvinte com uma proposta variada de imagens auditivas. Apoiando-se em Chantler, Silva diz que a cobertura jornalística de uma rebelião em um presídio não deve se basear apenas nos depoimentos de todos os envolvidos, mas também levar ao ouvinte os ruídos que compõem a cena da rebelião (SILVA, 2006), o que Schafer chamaria de paisagem sonora da situação.

Mas mesmo que não se faça um esforço no sentido de despertar a imaginação visual do ouvinte, é difícil saber se ela não será incentivada de qualquer maneira, já que o homem automaticamente tende a criar imagens mentais à simples menção de objetos, pessoas ou ações. E exatamente por isso, é razoável perguntar se o incentivo à imaginação visual é necessário, já que é um processo tão natural e incontável.

Haye é mais um autor a defender o princípio da visibilidade através do qual personagens, ações, cenários e objetos são sugeridos à imaginação do ouvinte que os “vê” em sua mente. O

autor crítica a noção generalizada de que o rádio é um meio unisensorial – por poder transmitir apenas estímulos sonoros – e defende a transformação do veículo em um meio multisensorial. Para ele, “a estimulação acústica pode possibilitar isso em função de sua enorme capacidade evocadora e criadora” (2005, p.349). Também o pesquisador Mário Kaplún defende a apropriação de recursos não-verbais pelo radiojornalismo. “O rádio, ainda que falado, não é só palavra (...) Ouvimos o galope e vemos o cavalo, o ruído do trânsito nos põe em meio a uma artéria cheia de movimento, a sirene de um carro dos bombeiros e o crepitar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (1978 p. 175).

Outra questão que os radialistas devem analisar é até que ponto o rádio deve empreender esforços em reproduzir a realidade ou gastar suas energias de outras formas. Arnheim afirmou que dificilmente uma reportagem de rádio seria capaz de passar uma impressão satisfatória da realidade. Mas poderia aguçar a observação acústica do ouvinte para conteúdos que o indivíduo raramente presta atenção, por meio da edição do som, com recortes e isolamentos artificiais de fragmentos sonoros (MENEZES, 2007). Esta potencialidade do rádio talvez seja mais importante que tentativas de reproduzir o real.

Ainda segundo Meditsch (2001), é inviável fazer um uso naturalista do rádio visando à simples reprodução do real devido à falta de precisão da captação do som pelo ouvido humano e a relatividade da percepção acústica do espaço. “Os limites do naturalismo no rádio também estão dados por sua inserção temporal. A capacidade de fornecer informações simultâneas é prejudicada pelo fenômeno do mascaramento dos sons” (2001, p159), continua. É necessário, então, investigar outras maneiras de usar o rádio que não como reproduzidor da realidade. Maneiras nas quais o fato de que o rádio precisa limitar suas fontes sonoras, tanto em número quanto em intensidade, sob o risco de torná-las indiscerníveis, não seja impedimento para que ele cumpra suas potencialidades (2001, p.160).

Balsebre é um dos maiores defensores do rádio como meio de expressão e não apenas de difusão. Para ele, o veículo tem duas metas: “a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico” (2005, p.327). Entretanto, neste processo de recriação do mundo real, o rádio cria uma nova realidade própria, já que não funciona da mesma maneira que a imagem, que parece ser o objeto representado. No rádio, a realidade conta apenas com a palavra e os ruídos, ou efeitos sonoros.

A realidade referencial objetiva é representada no rádio através dos efeitos sonoros. Durante um tempo os efeitos eram considerados apenas como “som ambiente” fator de verossimilhança e ambientação objetiva, com um significado denotativo de produzir a “visualização” de paisagens sonoras. Mas, sem dúvida, hoje se superou esta visão meramente descritiva, introduzindo significativas conotações, pois o efeito sonoro é algo mais que um som inarticulado. É preciso diferenciar sua diversidade significativa a partir da divisão entre “ambiente” (ruídos, por exemplo, de fábrica, trem) e “atmosfera” (sugere tonalidade psicológica, por exemplo, de mistério, alegria, tristeza, etc). (BALSEBRE, 2005, p.333)

Assim chegamos em Menezes, que afirma que “ a obra radiofônica é capaz de criar um mundo próprio com o material sensível de que dispõe” (2007, p.56). Para ele o rádio transmite não apenas ações ou acontecimentos, mas também a personalidade e o caráter dos personagens, a desenvoltura e a amabilidade do repórter e cria um universo acústico da realidade regido por leis próprias, o que seduziria o ouvinte.

### **3.5 Estruturas do radiojornalismo**

A organização do conteúdo transmitido pelo rádio se define a partir das necessidades que deve encontrar, as limitações que não pode ignorar e a natureza do discurso falado. A mais notável das estruturas adotadas pelo rádio é a reiteração constante dos fatos apresentados. Isso ocorre tanto em relação ao conteúdo global da programação – uma notícia dada pela manhã será repetida várias vezes ao longo do resto do dia – como em relação às microestruturas do texto radiofônico. Em uma entrevista, é necessário rememorar o nome do entrevistado com frequência, além de repetir qual o assunto que está sendo tratado e, talvez, resumir o que já foi dito até então.

Ao contrário das mídias impressas, o rádio nunca pode dar como “já definido” o que foi estabelecido num momento anterior. Mas a mídia impressa contribuiu muito com os primeiros formatos adotados pelo rádio para organizar e apresentar informações aos ouvintes. A grade de programação, por exemplo, nasceu da idéia de paginação gráfica com seções fixas, traduzidas no rádio em programas e faixas de horário com temas definidos (MEDITSCH, 1999). Esta foi a solução encontrada na época em que o rádio falava a um público heterogêneo acostumado ao zapping entre emissoras. Com a adoção de programas bem marcados, era mais fácil conquistar a adesão do público à audição em um determinado horário, como um compromisso em dia e hora

marcados. Esta noção de agendamento do público com o emissor é “uma concepção originada no mundo dos espetáculos, cuja lógica foi cedo transferida para o rádio” (MEDITSCH, 2001, p.196).

A estrutura linear, vertical e horizontal, que deixa claramente distintos os programas com gêneros e conteúdos estanques, é utilizada até hoje por diversas emissoras. Algumas mudanças vêm ocorrendo neste formato, entretanto. O compromisso do ouvinte com um programa possuía não apenas hora para começar, mas também para acabar, o que resultava em uma debandada de ouvintes ao término dos programas de maior sucesso. Para manter o público sintonizado mais tempo, as rádios passaram a estender alguns programas, tanto no tempo de duração, que cresceu de minutos para horas, como em frequência, desdobrando programas em mais de uma edição diária (MEDITSCH, 2001, 198). O próprio objeto de estudo deste trabalho, o Chamada Geral, possui uma segunda edição ao final da tarde.

Estas transformações são o primeiro passo a um formato que começa a ser adotado por algumas poucas emissoras no Brasil. Percebe-se o gradual abandono da programação linear, em seqüência, em nome de uma programação em fluxo, na qual se diminui a coesão dos programas e se encolhem os intervalos e marcas de separação entre eles.

Este funcionamento em espiral acaba com o problema de hierarquização das notícias em um radiojornal. Se os jornalistas nunca conseguiram entrar em acordo sobre em que momento os fatos mais importantes deveriam aparecer – se na abertura ou no encerramento do jornal – é talvez porque a própria questão estivesse mal colocada. A idéia de que a importância se mede pelo “lugar” que a notícia ocupa foi importada do meio impresso, que distribui seu conteúdo em primeira página, contracapa, páginas direita e esquerda, etc. O critério de importância é transferido de um parâmetro baseado em espaço para outro baseado em frequência (MEDITSCH, 2001).

Quanto à sua “direção”, o rádio é essencialmente uma via de mão única. Sua estrutura e funcionamento não facilitam a interatividade com o ouvinte ainda que sejam realizados esforços para incluí-lo na programação de alguma maneira. Eles podem ser convidados a entrar no ar por meio de um ligação telefônica, ou enviarem e-mails que serão lidos pelo locutor, ou, como no caso do Chamada Geral, manifestarem-se através de um repórter responsável pelo momento do programa dedicado às reivindicações dos ouvintes. Mas a participação do habitual receptor será sempre limitada.

A impossibilidade de emissão simultânea de mais de um enunciado por canal, limita a interação verbal à participação de uma voz entre milhares de ouvintes mudos, a quem a comunicação é efetivamente dirigida. A interatividade na enunciação do discurso será, assim, mais simbólica do que efetiva, representa a exceção que confirma a regra (...) (MEDITSCH, 2001, p. 218)

Há quem seja mais duro nas críticas ao caráter emissor do rádio. Para Menezes, o rádio só tem um lado, quando deveria ter dois: “Ele não passa de um dispositivo de distribuição, para um mero compartilhar” (2007, p.50). O autor cita Brecht sugerindo que se pensem maneiras de transformar o rádio em um dispositivo de comunicação, que saiba ouvir e não apenas falar, que receba além de transmitir e que seja uma vasta rede de canais. O caminho em direção a esta nova posição do rádio talvez comece com a sua realização em meio eletrônico. Para Meditsch, a condição eletrônica pode finalmente realizar a utopia do rádio como meio de expressão, deixando para trás os impedimentos técnicos que até então travavam o desenvolvimento de suas possibilidades formais (2001, p.220).

## 4 PORTO ALEGRE NO RADIOJORNAL CHAMADA GERAL

### 4.1 O objeto de estudo

Pretende-se aqui iniciar o estudo de caso no qual se vão aplicar os conceitos e idéias apresentados até aqui. Para analisar a representação da cidade no radiojornalismo escolheu-se trabalhar com o programa Chamada Geral – 1ª edição, produzido e transmitido pela rádio Gaúcha AM de segunda-feira a sábado, das 11h ao meio dia. Para compor o universo de pesquisa, decidiu-se por gravar uma semana composta do programa a fim de obter maior abrangência temporal e representatividade. Iniciada no dia 24 de março (segunda-feira) de 2008 e encerrada no dia 3 de maio seguinte (sábado), a amostra abarca ainda as gravações dos dias 1º (terça-feira), 9 (quarta-feira), 17 (quinta-feira) e 25 de abril (sexta-feira). O programa é apresentado por Antônio Carlos Macedo e as matérias são feitas pela equipe de reportagem da RBS.

O Chamada Geral foi escolhido como objeto de estudo por ser um radiojornal de editoria geral e, portanto, capaz de abordar todo tipo de acontecimento na cidade (ainda que a transmissão da rádio Gaúcha alcance todo o Estado, as pautas do programa são focadas na Capital), por ser líder de audiência no segmento e por ser, no que se refere ao formato, bastante representativo do que se costuma se fazer em termos de radiojornalismo nas emissoras gaúchas.

Conforme dados do IBOPE de 2006<sup>3</sup> (meses de março a maio), o Chamada Geral tem, nas suas edições de segunda a sexta-feira, 2,67 pontos de audiência das classe A e B; 0,88 pontos de audiência entre a classe C; e 0,55 pontos nas classes D e E, o que o configura, portanto, como um programa de elite. A audiência do programa aumenta proporcionalmente à faixa etária considerada, segundo a tabela abaixo:

Faixa etária	Pontos de audiência por faixa etária
15-19 anos	0,07
20-24 anos	0,81
25-29 anos	0,73

<sup>3</sup> Dados utilizados para a escolha do segmento de rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada e selecionados para este trabalho a fim de possibilitar uma maior afinidade com os resultados encontrados naquela pesquisa.

30-34 aos	0,60
35-39 anos	0,76
40-49 anos	2,24
50-59 anos	2,19
mais de 60 anos	3,57

## 4.2 Metodologia

Para este trabalho, será adotada a metodologia utilizada no segmento de rádio do projeto Porto Alegre Imaginada, pesquisa multi-disciplinar coordenada pelos professores da UFRGS Nilda Jacks e Valdir Morigi, que visa identificar os elementos que constituem o imaginário urbano de Porto Alegre. A pesquisa Porto Alegre Imaginada, iniciada no primeiro semestre de 2007, baseia-se nos fundamentos teóricos e metodológicos desenvolvidos pelo pesquisador colombiano Armando Silva. A investigação busca conhecer o imaginário sobre a cidade de Porto Alegre a partir do cruzamento das representações dos cidadãos com as que circulam nos meios de comunicação e com dados institucionais da Capital. No presente trabalho, os objetivos são outros, mas as questões levantadas e os resultados encontrados neste estudo e na pesquisa conversam, se aproximam e mesmo coincidem em diversos pontos, motivo pelo qual se justifica a apropriação das tabelas previamente utilizadas.

O grupo de rádio da Porto Alegre Imaginada partiu da linguagem radiofônica como uma combinação de cinco estratos, para utilizar quatro deles nas fichas de análise dos programas radiofônicos estudados. O estrato sonoro é o composto pela materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia. O fônico-lingüístico se refere à sonoridade das palavras, inflexão da voz, seus subtextos que conduzem a outros sentidos. O temporal abrange as questões da temporalidade expressa e duração do texto, além do horário da transmissão. O estrato dos objetos apresentados trata dos acontecimentos, pessoas, fatos e sentimentos expressos por meio da fala. Por fim, os aspectos esquematizados que possibilitam a apreensão de uma determinada sensação de realidade proposta pelo rádio, apesar das inevitáveis lacunas da mediação de cada estrato anterior. Cada

estrato tem sua individualidade, mas atuando juntos obtêm um efeito único, sincrônico. (Golin, 2007)

Devido à predominância da voz e da palavra sobre os outros elementos da linguagem radiofônica, o estrato fônico-lingüístico se sobressai entre os outros. Além do estrato fônico-lingüístico, para o presente trabalho também será dada especial atenção ao estrato dos objetos apresentados, por ser neste que se dão as mais visíveis relações com a cidade. Não se pretende com isso corroborar com a idéia de que a palavra é mais importante que as outras manifestações sonoras no rádio. Pelo contrário, este trabalho alinha-se à idéia de que “a singularidade da linguagem deste meio é caracterizada pelo mosaico de sons que a compõem” (SILVA, 2006).

A íntegra das tabelas consta nos apêndices deste trabalho. A primeira ficha compreende os dados gerais do programa, enquanto as outras seis referem-se a cada dia específico da amostra estudada. Por este motivo, os primeiros itens da tabela elaborada para a pesquisa Porto Alegre Imaginada (identificação, ficha técnica e descrição do programa) constam apenas na primeira ficha, pois estes dados referem-se ao programa como um todo. Já o último estrato (objetos apresentados na narração) do 3 item (análise da linguagem) consta apenas nas fichas subseqüentes, pois os objetos são específicos de cada dia.

### **4.3 Resultados do estudo de caso**

O preenchimento das tabelas com os dados encontrados na amostra do programa Chamada Geral apresentou o verdadeiro universo de pesquisa deste trabalho. Seguem, abaixo, os resultados do estudo separados pelo estrato a que pertencem.

#### **4.3.1 Identificação e ficha técnica**

Programa: Chamada Geral – 1ª edição

Emissora: Rádio Gaúcha, 600 AM

Veiculação: De segunda-feira a sábado, das 11h às 12h

Duração: 1 hora

Apresentador: Antonio Carlos Macedo

Repórteres: Juliano Rodrigues, Luís Henrique Benfica, André Silva, Sérgio Boass, Daniel Scola, Fernando Zanuzo, Cid Martins, Mauro Saraiva Jr., Eduardo Matos, Giane Guerra, Rodrigo Orengo, Fábio Almeida

Comentaristas: Débora Morsh (economia), Rafael Cechin (Viver Bem), Anonymous Gourmet (Gastronomia)

#### **4.3.2 Descrição do programa**

A primeira edição do Chamada Geral vai ao ar às onze horas da manhã, de segunda a sexta, apresentado por Antonio Carlos Macedo, e sábado apresentado por Daniel Scola. O programa é um dos mais importantes radiojornais da emissora, com conteúdo local, regional e nacional. O foco principal do Chamada Geral são as notícias de Porto Alegre. Além do noticiário, o programa tem informações de trânsito, previsão do tempo e quadros de culinária, consumo e dicas de saúde.

#### **4.3.3 Estrato sonoro**

Este segmento apresenta a materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia, tudo aquilo que soa e não é palavra. O Chamada Geral utiliza música para as vinhetas e trilha de fundo. A vinheta de abertura é uma composição musical animada e rápida, com sobreposição de uma voz masculina que anuncia o nome do programa e seu apresentador.

A trilha que abre os blocos costuma ficar como fundo por alguns minutos. Após seu encerramento, não há fundo sonoro de qualquer espécie. A mesma trilha que abre os blocos ao longo do programa, fecha-os. Esta música é enérgica, urgente e repetitiva.

Para o momento em que o tema é esporte, a trilha escolhida é mais leve, mais aguda e animada. A trilha que faz fundo à previsão do tempo é acelerada, com rápida alternância de agudos e graves e muito repetitiva. Ao longo do programa, em situações normais, não há outras músicas ou efeitos sonoros especiais. Mesmo o quadro Viver Bem e a participação do Anonymous Gourmet, que são momentos estanques e regulares, não possuem um universo sonoro próprio.

Como exceção, temos a reportagem especial sobre os ônibus da Capital (de terça-feira), que ganhou uma trilha especial, de ritmo bastante acelerado. Na mesma reportagem, o momento em que o repórter retoma a história da construção dos primeiros corredores de ônibus em Porto Alegre há uma trilha musical de fundo, uma música que remete ao passado, tempo que o narrador remonta. Para trazer o ouvinte de volta ao presente, há um efeito sonoro de bater de teclas (como de uma máquina de escrever), seguido pela primeira sonora da matéria, com um especialista em trânsito.

É raro ouvir ruídos ambientais nas reportagens. Isso ocorre apenas em casos especiais, como a já citada reportagem sobre os ônibus de Porto Alegre, na qual diversos repórteres da rádio percorreram a cidade dentro de ônibus e entraram ao vivo no programa. Neste caso, ouvimos os sons do trânsito e o burburinho de pessoas conversando, além de uma ambulância em determinado momento. Coisa semelhante ocorre na participação de Luís Henrique Benfica direto do estádio Olímpico (sexta-feira), na qual ouvem-se ao fundo conversas, gritos e um assobio.

Na reportagem sobre a visita do Presidente do Tribunal de Contas a um dos indiciados pelas fraudes no Detran/RS (quarta-feira), uma sonora é gravada com o porteiro do prédio de José Antônio Fernandes. A gravação inclui a conversa entre o repórter e o porteiro e os sons ambientais.

Fora estes casos, a amostra analisada não apresenta ruídos do ambiente. Constatase, inclusive, que há um esforço em eliminar estes ruídos, pois mesmo nas sonoras gravadas ao ar livre – por exemplo, nas sonoras do programa de sábado com moradores atingidos pelos temporais – o foco está todo na voz de quem fala, sem espaço para outros sons. Também quando um repórter acompanhou a passeata dos carteiros, não se pode ouvir nem sons da rua, tampouco dos manifestantes.

#### 4.3.4 Estrato fônico-lingüístico

O estrato fônico lingüístico inclui os aspectos da inflexão da voz, o estilo de narração, uso do léxico/vocabulário e expressões verbais usadas para se referir à cidade. O apresentador Antônio Carlos Macedo tem a voz grave, um ar sério ao falar e enuncia as palavras de maneira clara e em bom volume, o que certamente contribui para conferir credibilidade à informação. Percebem-se pequenas variações no andamento do programa. Nas aberturas do bloco, quando Macedo informa horário e temperatura e geralmente anuncia os patrocinadores, sua inflexão de voz se aproxima mais da natural, mais similar a uma conversa informal entre conhecidos. Mas a partir do momento em que ele começa a dar as primeiras informações a respeito de uma notícia, sua voz fica mais grave, formal e monótona.

O momento mais solto do programa é quando se fala em esportes. Via de regra, a conversa começa bem marcada, pausada e com uma clara alternância de vozes. Mas no decorrer do assunto (o futebol em geral ganha mais de dez minutos de discussão no programa), o diálogo se naturaliza gradualmente, havendo interrupções, sobreposições de vozes, frases que são iniciadas e não terminadas, marcas de um diálogo coloquial comum. Apenas quando Macedo conversa com um repórter que está em Londres, a conversa sobre futebol é séria e rígida.

Entre os repórteres, a maioria tem o que poderíamos chamar de vozes neutras, com falas que seguem o padrão radiofônico ensinado em aulas de jornalismo. Chamam a atenção, por diferenciarem-se um pouco dos outros e por sua maior presença no programa, o repórter Juliano Rodrigues, que tem a fala pausada, quase truncada, que dificulta a concentração na sua voz; Eduardo Matos fala enfatizando as palavras-chave da matéria como “safra” ou “soja” ou “18 por cento”; Daniel Scola, que nas reportagens tem a fala marcada por ênfases em palavras aparentemente aleatórias, mas que quando apresenta o programa, aos sábados, mostra-se mais fluido e, aparentemente, mais seguro, pois hesita menos no início de frases. Giane Guerra é a única voz feminina fixa no programa, com o Boletim do Consumidor. Seu discurso costuma ser repleto de termos do “economês” que um leigo não compreenderia. A comentarista do mercado financeiro, Dêrbora Morsch, aparece também com certa frequência, conversando de maneira até bem descontraída com Macedo. Suas participações foram as únicas onde se registraram risadas.

Rafael Cechin, do quadro Viver Bem, tem um discurso quase didático. As palavras que ele escolhe para falar sobre saúde são simples e conhecidas. Um jeito simples também é a maneira utilizada pelo Anonymous Gourmet para indicar receitas aos ouvintes. Ele é o único participante que utiliza o termo “você” em sua fala, constantemente repetindo informações já dadas anteriormente.

Todos os jornalistas usam frases curtas. No geral, eles tentam naturalizar o seu discurso, esforçando-se em dar à fala variações melodiosas. Já os entrevistados costumam ir no sentido contrário, tentando tornar mais formal o seu discurso natural, não treinado para o jornalismo. O mesmo acontece com os ouvintes que são colocados no ar. Da amostra de seis programas, em dois deles a participação dos ouvintes foi realizada com gravações prévias (em geral, quem faz a mediação da participação dos ouvintes é o radialista Fernando Zanuzo).

Via de regra, as reportagens são apresentadas por um único repórter e outras vezes se inserem na matéria apenas em sonoras. Houve uma exceção, na sexta-feira, em que uma reportagem investigativa em um abrigo da cidade foi feita por dois jornalistas que alternaram as vozes na hora de ler o texto.

Quanto às palavras usadas para se referir à cidade, a expressão mais comum é designá-la por “Capital”, às vezes como a Capital gaúcha, a Capital dos gaúchos, a Capital metropolitana, etc.

Pontualmente, algumas descrições sobre a cidade “saltaram aos ouvidos” durante as audições dos programas. No programa de sábado, após os fortes temporais na cidade, uma moradora descreve o bairro Ponta Grossa como em “situação de calamidade”.

#### **4.3.5 Estrato temporal**

Quando falamos no estrato temporal, nos referimos à temporalidade expressa e duração do texto, bem como ao horário de transmissão. O programa é transmitido das 11h ao meio-dia, de segunda a sábado, com duração total de uma hora, da qual cerca de 45 minutos é do programa em si e o restante de intervalos comerciais. O apresentador informa o horário com grande frequência

e geralmente anuncia também a temperatura na cidade. Na amostra analisada, a hora foi dita em média 21 vezes por programa.

O tempo dedicado a cada reportagem ou assunto da pauta é bastante variável. Em geral, o tema esportes tem grande duração, chegando, por vezes, a ocupar um bloco inteiro (sexta-feira). Na amostra coletada para este trabalho, o esporte foi menos discutido no programa de segunda-feira, no qual contou com 10 minutos e 39 segundos. O dia que mais dedicou tempo ao assunto foi quinta-feira, quando contaram-se 17 minutos e 15 segundos.

As reportagens especiais também são anunciadas com destaque pelo apresentador e têm maior duração, como a reportagem sobre os ônibus da cidade (com 5 minutos) e o furo de reportagem sobre a visita do presidente do Tribunal de Contas a José Antônio Fernandes (com quase 6 minutos). Os efeitos dos temporais que atingiram o Rio Grande do Sul nos primeiros dias de maio foi abordado durante um programa inteiro (sábado, 3 de maio) devido à importância do fato e ao impacto que teve sobre as cidades gaúchas, especialmente Porto Alegre. Porto Alegre, aliás, é a cidade que ocupa mais tempo no programa em comparação com outras cidades do Estado.

Nas reportagens normais da programação, a amostra analisada apresentou variação de 20 segundos (para matéria sobre o aumento da venda de repelentes no Rio de Janeiro graças à epidemia de dengue) até 11 minutos e 15 segundos para matéria sobre encontro entre o então Secretário do Planejamento Ariosto Culau e o empresário Lair Ferst para tomar um chopp. Mas vale apontar que este caso destoa do resto da amostra, pois o programa sempre dedica especial atenção ao tema da CPI do Detran/RS. Excluindo-se este caso, a maior matéria analisada possuía menos de quatro minutos (3'55'') e tratava de uma operação policial em Canoas.

A participação dos ouvintes, que em geral se dá por meio da fala de Fernando Zanuzo com eventuais exceções nas quais os próprios ouvintes gravam suas mensagens, não costuma ter longa duração. No dia em que foi mais curto, o quadro teve 35 segundos. No programa que mais dedicou tempo aos ouvintes, o quadro contou com 1 minutos e 50 segundos..

Em comparação com as matérias comuns, as informações financeiras e aquelas presentes no Boletim do Consumidor somam um tempo considerável dedicado ao mercado. Juntos, estes segmentos variaram de 3 minutos e 7 segundos a 7 minutos e 16 segundos.

#### 4.3.6 Objetos apresentados na narração

Aqui foram levantados os espaços, cenários urbanos, pessoas, ações e sentimentos evocados em relação à cidade. São consideradas todas as vozes, dos repórteres, das fontes e dos ouvintes.

Quanto aos espaços, constam aqui todos os bairros e pontos de referência. Na amostra, foram citadas 22 ruas. A denominação de todas consta nos anexos, sendo relevantes neste momento apenas comentar a que bairros ou regiões estas ruas pertencem, a fim de traçar um mapa da cobertura que o programa faz sobre a cidade. Verificou-se que sete ruas pertencem ao bairro Centro; três ruas pertencem ao bairro Azenha; três ruas pertencem ao bairro Auxiliadora; duas ruas pertencem ao bairro Santana; duas ruas pertencem ao bairro Menino Deus; e comparecem com uma rua os bairros Belém Novo, Hípica, Praia de Belas, Cavahada e Navegantes.

Em quatro programas, o estádio Beira-Rio é mencionado. O local é citado tanto porque vai sediar um jogo de futebol, como uma referência geográfica. Já o Olímpico é mencionado em apenas um programa, durante o qual a localização do estádio e os efeitos que algum jogo no local têm sobre o trânsito ganham bastante tempo de discussão no programa. A área é apresentada como propícia a grandes engarrafamentos e carente de espaço para estacionamento, problemas difíceis de serem solucionados dada a inviabilidade de duplicação das ruas.

O Palácio Piratini é citado em dois programas – os mesmo em que Yeda é personagem de notícias – como um espaço político: sua localização ou entorno não têm importância, o Palácio aparece como local de debates e tomadas de decisões. A Assembléia Legislativa aparece também como um espaço político para discussões entre os deputados. O DMAE é citado por ter finalizado as obras de restauração na sede do bairro Moinhos de Vento.

O Colégio Protásio Alves é usado para apontar uma região de freqüentes assaltos na avenida Ipiranga. O bairro Cidade Baixa também é citado como local onde os moradores de rua assaltam as pessoas na saída de restaurantes no horário de almoço. Um alerta para assaltos também é dado por um ouvinte em relação aos arredores do Instituto de Cardiologia, na rua Princesa Isabel e vias paralelas. Os assaltos ainda aparecem na matéria sobre a recente aprovação da lei que obriga motoqueiros a tirar o capacete antes de entrar em estabelecimentos comerciais.

Em uma matéria de segunda-feira sobre os homicídios que ocorreram no final de semana, a periferia é descrita por um professor de antropologia como o local onde se geram os indivíduos violentos que depois cometem crimes em toda a cidade. A praça Japão é cenário do assassinato de uma corretora de seguros.

A Vila Santo Antônio é mencionada em uma reportagem por causa da atuação de traficantes no local. Uma ouvinte reclama que no bairro Auxiliadora, quase foi atropelada por uma viatura da Brigada Militar que transitava pelo corredor de ônibus. O Abrigo Pio Buck foi cenário de uma reportagem especial sobre os abusos sofridos pelos internos, suas famílias e alguns funcionários por parte da administração da casa.

Novamente na Cidade Baixa, uma moradora reclama de atraso na entrega de contas de telefone. Um ouvinte que não diz de que bairro está falando protesta que não consegue entrar em contato com o DMAE pelo telefone 115. O bairro Cristal aparece na voz de uma ouvinte que pede uma faixa de pedestre e uma sinaleira em um cruzamentos propício a acidentes. Já no bairro Rubem Berta, zona norte, uma moradora pede o conserto de uma luminária da via pública. O Hospital Moinhos de Vento é citado por um ouvinte que pede doações de sangue a um parente internado na instituição. Um ouvinte internado no Hospital Parque Belém avisa que a poucos metros dali, na avenida Oscar Pereira, há um lixão com pneus jogados a céu aberto.

O prédio da Zero Hora, que também é sede da Gaúcha, foi citado como ponto de referência para situar a localização da passeata dos carteiros que passava pela avenida Ipiranga. A passeata depois seguiria por várias ruas do Centro, sempre acompanhada pelo repórter do programa. O Centro ainda é mencionado quando se fala na construção do camelódromo, cujas obras estão em andamento e ao noticiar uma operação contra a pirataria.

Um dos temas mais presentes na amostra é o serviço de transporte público de Porto Alegre. Além das manifestações dos ouvintes (um ouvinte queixa-se da demora e da superlotação dos ônibus da empresa Vicasa; uma passageira reclama da empresa Evel também pelo tempo de espera na parada de ônibus), um dos programas contou com uma reportagem especial sobre os corredores de ônibus da cidade. Ao todo, três repórteres da rádio percorreram 19,5 quilômetros nas principais vias da cidade, durante os quais constataram lotação dos veículos e irregularidades de trânsito. Além disso, um dos próprios jornalistas do programa, Luís Henrique Benfica, demonstra insatisfação com as condições dos ônibus da cidade, afirmando que nem sempre são confortáveis.

Uma ouvinte, professora em uma instituição de ensino para pessoas com necessidades especiais, lamenta que seus alunos estão deixando de ir até o local pois são constrangidos nos ônibus pelos cobradores, por ainda não possuírem o cartão TRI de passe livre.

A Secretaria de Educação é citada na quinta-feira pelo protesto dos professores que se aglomeraram em frente ao prédio. Para situar o ouvinte sobre a localização da Secretaria, é informado que ela fica no prédio do Centro Administrativo.

Os sentimentos declarados em relação à cidade costumam partir dos ouvintes, em suas participações enviadas por e-mail ou por telefone. Os jornalistas só apresentaram sentimentos e opiniões claras em um programa (quarta-feira), no qual se discutiu a localização do estádio Olímpico. Macedo comentou que o trânsito na área em torno do estádio já é demorado por si só, situação que piora nos dias de jogo. Ele e o repórter Luís Henrique Benfica demonstram gostar da idéia de construir o novo estádio do Grêmio no bairro Humaitá.

O programa de sábado destoa dos outros dias gravados por apresentar a cidade alagada após fortes temporais no Estado. O tom de toda edição é de calamidade, pois já chovera em dois dias mais do que costuma chover em todo o mês e a chuva não cessava há pelo menos três horas. O cenário apresentado nas ruas de Porto Alegre é de árvores e postes caídos, galhos de árvores bloqueando as vias, sinaleiras apagadas, fios elétricos arrebentados e muitos pontos alagados. Além do acúmulo de água nas ruas que prejudica o trânsito de carros, córregos na periferia da cidade transbordaram. No bairro Hípica, um mecânico precisou ajudar os vizinhos a saírem de suas casas com um barco. Na zona leste, um casebre desabou devido à chuva e aos fortes ventos. Na avenida Farrapos, o telhado do hotel Roma desabou e prejudicou o trânsito. Os bombeiros são citados duas vezes ao longo do programa: são criticados por terem prometido voltar a uma zona de alagamento, mas não terem retornado; e são citados por estarem ajudando moradores da Ponta Grossa. Ao final do programa, a EPTC é citada por estar recolhendo árvores caídas na Terceira Perimetral.

#### 4.4 Observações gerais sobre o conjunto de programas

Este trabalho partiu dos conceitos e idéias de Murray Schafer localizando o programa Chamada Geral como seu ambiente sonoro, do qual se estudam as paisagens sonoras nele apresentadas, tendo as características do discurso radiofônico e do radiojornalismo como referências para análise. Neste momento, elaboramos as conclusões parciais a que podemos chegar a partir das tabelas apresentadas.

##### 4.4.1 A voz jornalística

A fala dos repórteres do Chamada Geral é muito próxima daquilo que podemos chamar de neutra. As matérias são apresentadas com distanciamento e sobriedade, provavelmente como uma estratégia para construir a credibilidade do programa. Conforme Balsebre, este seria o ritmo melódico do texto, que padroniza a maneira de leitura de todas notícias. O apresentador, Antônio Carlos Macedo, é o único que eventualmente demonstra algum tipo de ânimo na voz: seja de satisfação ou desgosto. Percebe-se que repousa sobre ele o papel de aproximar o ouvinte. Em casos como o comentário acerca da CPI no Detran, Macedo deixa claras na entonação de voz suas impressões, e também expressa em palavras o que está pensando. Não há nenhum momento em que se perceba uma intenção na voz que não esteja explicitada pelo verbo. Novamente conforme Balsebre, Macedo também é a sustentação do ritmo harmônico do programa, que se estabelece pela repetição periódica de uma mesma voz entre várias.

A maioria das vozes do programa é masculina. Entre os profissionais, apenas duas vozes são de mulheres: a de Giane Guerra e a de Débora Morsch. As duas são comentaristas do mercado e de informações financeiras. Na amostra estudada, em apenas um programa Giane Guerra apresentou, além do comentário, uma matéria informativa. A predominância de vozes masculinas parece estar dentro da noção de que vozes graves conferem mais seriedade e credibilidade à informação.

#### 4.4.2 O discurso

A redação do conteúdo noticioso do Chamada Geral segue as regras dos manuais. Frases curtas, em ordem direta, objetivas, que facilitam a compreensão de um discurso falado por permitirem o melhor acompanhamento de idéias e seqüências de fatos. Como acontece a muitos programas noticiosos, o Chamada Geral tem raízes no jornalismo impresso. Herdeiro da idéia de projeto gráfico – com manchetes e títulos em grandes letras – é comum o programa ter matérias que se iniciam com títulos similares a manchetes, que dispensam artigos e buscam causar impacto. Por exemplo, no programa de quarta-feira, Macedo abre o programa anunciando “Golpe contra o crime!”. No mesmo dia mais tarde, ele abre um bloco com a expressão “Visita incômoda”. Na quinta, a abertura do programa é “Promessa de uma nova fase”. Mas a comparação com um jornal impresso não seria exata, pois os títulos de jornal costumam resumir o fato, enquanto os títulos do programa visam somente chamar a atenção do ouvinte.

O discurso sempre mantém um caráter jornalístico, anunciando os fatos sem opinar sobre eles. Apenas Macedo manifesta sua opinião em raras ocasiões. Na amostra aqui apresentada, ele mostrou indignação com os casos relacionados às fraudes no Detran, certa insatisfação com o trânsito da cidade ao comentar as dificuldades de se chegar ao Olímpico em dias de jogo e deixou claro que não concorda com a postura assumida pela prefeitura de Canoas diante de uma acusação reportada no programa.

Ainda que o discurso do rádio chegue a cada ouvinte como se estivesse falando somente a ele, de todas as vozes presentes no programa, apenas o Anonymous Gourmet fala diretamente ao público usando a palavra “você”. Tal proximidade não seria adequada no resto do programa, pois o afastamento colabora com a credibilidade passada ao ouvinte. Mas neste caso, o comentarista opta pela aproximação e não pela credibilidade, o que não prejudica um quadro de receitas.

O discurso dos repórteres e em especial o do apresentador em momentos mais descontraídos é pontuado por expressões que comprovam o compartilhamento do mesmo contexto sócio-cultural entre emissor e receptor. Apenas partindo da premissa de que os ouvintes partilham de um universo comum, os jornalistas podem se referir a agentes de trânsito como “azuizinhos”, nome que em outra cidade não faria sentido, à rótula entre as ruas Erico Verissimo, Azenha e Rua José de Alencar como a “Rótula do Papa” e mesmo iniciar uma discussão com a

frase “O estádio do Grêmio como está sendo pensado na periferia”, pois o ouvinte já deve ter um conhecimento prévio para acompanhar o raciocínio.

#### 4.4.3 Elementos não-verbais

Como é de praxe no radiojornalismo, percebe-se no Chamada Geral a primazia da palavra. O programa apresenta a cidade por meio da palavra falada, fazendo pouco uso de outros recursos sonoros. As músicas ficam restritas àquilo que Meditsch chama de “embalagem” do radiojornal, ou seja, abertura e encerramento do programa e de blocos.

A exceção é a reportagem especial sobre os ônibus da cidade. O especial conta não apenas com trilha própria como com música expressiva, segundo classificação de Haye, cuja função é criar um clima, e efeito sonoro também expressivo. Em determinado momento, ouve-se ao fundo o som de uma ambulância, um som objetivo, ainda segundo Haye, que representa um objeto real. Esta reportagem é o momento em que mais se percebem as paisagens sonoras ambientais da cidade, colocadas de forma quase acidental como ilustração de uma situação maior. Ainda assim, por meio deste fragmento, adivinha-se uma cidade em movimento, feita de ruído constante e de situações urgentes.

As condições da gravação da reportagem conferem mais credibilidade à informação. Se ouvimos conversas de passageiros, depoimento do cobrador, a ambulância que passa, temos certeza de que o repórter não somente esteve lá como está nos apresentando um fragmento da realidade exatamente como ela é, pois temos a sensação de estar diante dela. Já a edição e a utilização de música e efeito ajudam a chamar e prender a atenção do ouvinte. A trilha própria serve como um alerta ao ouvinte de que o que ele está prestes a ouvir é um trabalho especial. A música de fundo e o barulho de máquina de escrever também servem como um chamado de atenção, além de envolverem o ouvinte em um outro universo, um universo próprio.

Pela estrutura de produção de conteúdo jornalístico de uma rádio, não seria possível contar sempre com reportagens especiais. O trabalho diferenciado para o especial – que de acordo com Macedo começou a ser feito uma semana antes – pode servir de prova que um dos motivos para o radiojornalismo não trabalhar com elaboradas edições sonoras é o imediatismo da

produção. Não há tempo hábil para montar segmentos complexos na rotina de uma rádio comercial.

Mas abrir o microfone para os sons ambientais poderia ser uma prática proveitosa ao programa. A reportagem que acompanha a passeata dos carteiros, por exemplo, só teria a ganhar com o barulho dos manifestantes e os sons ambientais do Centro. O fundo à fala é mais uma contextualização sonora, serve para aproximar o ouvinte dos fatos, recriar a cena em sua cabeça.

Mas parece que o Chamada Geral está mais alinhado à escola que defende o uso homeopático da imaginação do ouvinte. Os repórteres não têm o hábito de descrever cenários, pessoas ou situações. Tampouco estas características são sugeridas por meio de outros sons. A apresentação das informações é abstrata, o ouvinte não é levado a criar imagens correspondentes aos fatos.

#### 4.4.4 As impressões de Porto Alegre

Atentando aos sentimentos manifestados em todas as gravações, encontra-se uma maioria de visões negativas sobre Porto Alegre. Se fôssemos construir uma imagem do zero contando apenas com os relatos da amostra, constataríamos uma cidade violenta, marcada por assaltos e locais perigosos, uma cidade que sofre de faltas – falta de transporte público, de iluminação, de comprometimento do poder público – e de engarrafamentos, vítima de alagamentos e personagens corruptos, uma cidade nada aprazível. Apenas a edição de sábado, que retrata a situação nas ruas de Porto Alegre após grandes temporais, bastaria para se ter uma imagem apocalíptica da cidade, de grave destruição. A única impressão que se tem a partir da audição da amostra que foge ao negativismo geral é a de que a cidade é um espaço de locomoção. A grande presença dos ônibus nas matérias, na participação dos ouvintes e nos comentários do apresentador atestam a idéia de que a cidade é quase como um organismo vivo, dentro da qual os indivíduos estão em constante movimento.

Como o rádio não fala a um ouvinte neutro tal qual uma página vazia que se enche com impressões alheias, o resultado deste quadro não é problemático. O ouvinte do Chamada Geral vive e transita pela Porto Alegre que ajuda a representar no programa. Se o lado que transparece

no rádio é o mais problemático da cidade é porque é inerente ao jornalismo denunciar os erros, reivindicar melhorias e questionar o poder vigente. De acordo com Meditsch (2001), os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas resultam na escolha de relatos negativos ou espetaculares, que têm maior atração emocional ou relevância cotidiana.

Isso não significa que a representação da cidade no programa seja falha, apenas que os jornalistas sabem que estão falando a ouvintes que têm suas próprias visões, e que o papel do jornalismo não é nem recriar o mundo em todos seus aspectos, tampouco apresentar a cidade a pessoas que não a conheçam e menos ainda tecer elogios àquilo que Porto Alegre tem de bom. Não é necessário que o rádio informe ao ouvinte que grande parte dos postes realmente funciona, tampouco precisa atestar, diante dos relatos de assaltos, que existem pessoas que transitam pelos locais apontados como muito perigosos, sem ser vítimas de crimes. Este ajuste de percepção da realidade, pesando o mundo imaginário construído no programa e o mundo real, é papel do ouvinte.

#### 4.4.5 O formato da rádio Gaúcha e do Chamada Geral

A rádio Gaúcha estrutura seus programas em uma grade, que determina horários de início e fim para cada segmentos, bem como os conteúdos a serem abordados em cada faixa de horário. Dentro do Chamada Geral, as informações são divididas em blocos, que não têm definições fixas de organização das notícias. A única constante é o tema Esportes, que, em todas as gravações, encerra o primeiro bloco. Percebe-se uma tendência a apresentar os fatos mais importantes do dia na abertura do primeiro e do segundo bloco, mas esta não é uma regra estanque.

#### 4.4.6 O tempo no programa

O apresentador informa o horário com bastante frequência, situando o ouvinte no tempo coletivo da cidade. José Eugênio de Menezes aponta que o rádio serve como sincronizador das

atividades sociais. A constante reiteração das horas e do passar do tempo é uma das maneiras de cumprir esse papel.

É difícil determinar se o programa se enquadra na idéia de que a radiodifusão colabora com a aceleração dos ritmos do homem. Ainda que o Chamada Geral seja rápido na fala, na apresentação das notícias e no desdobramento das idéias (condição que também se evidencia pela ausência de silêncios), é difícil dizer se isso reitera a velocidade ou apenas mimetiza os ritmos da vida contemporânea. Se, nas notícias, a produção é acelerada, representa a maneira como lidamos com o bombardeio de informação constante que nos atinge. Não há tempo na vida moderna para se aprofundar nas notícias do dia (elas logo são substituídas por novas), para lamentar ou para refletir os problemas da cidade, tudo é conteúdo de rápida digestão. Mas o ritmo é outro quando se faz uma pausa para descanso, para bater um papo descontraído. Da mesma forma, o Chamada Geral dá outro tratamento ao tempo dedicado ao esporte. A conversa entre apresentador e repórter flui sem pressa, sem atropelo ou compromisso. Esta diferenciação dentro do programa serve como espelho das diferentes maneiras que as pessoas se relacionam com os fatos do dia-a-dia. O tempo dedicado ao esporte é quase uma simulação do tempo de ócio no qual as pessoas falam apenas daquilo que lhes interessa por prazer. O interesse do ouvinte pelo assunto é explicitado pelo apresentador do programa quando responde a um ouvinte que perguntou porque o Chamada Geral dedica tanto espaço ao esporte. De acordo com Macedo, a equipe da rádio tomou esta decisão para acompanhar o calendário completo de jogos de futebol durante o ano e a mudança resultou no aumento da audiência do programa.

#### 4.4.7 Sons fundamentais, sinais e marcas sonoras no Chamada Geral

Pensando o som fundamental como o som básico do ambiente em estudo, aquele que contextualiza a ação, podemos apontar a voz humana como o som fundamental do Chamada Geral. Todos os outros sons presentes no programa se relacionam à narração e ganham destaque ao se sobressair da fala.

Como marcas sonoras, apontamos os sons marcantes do programa que têm significado dentro da sua estrutura, como as trilhas musicais, as vinhetas e os "bipes" que marcam a

passagem de minutos. Entre os sinais, estão os sons que pontuam algumas reportagens na rua, como a ambulância no especial sobre ônibus ou o chiado do interfone na tentativa de falar com José Fernandes.

#### 4.4.8 Dos ouvintes

Confirmando a vocação do rádio para o jornalismo de serviço, quase toda participação dos ouvintes são reivindicações junto ao poder público, avisos de utilidade pública ou reclamações sobre a atuação do Estado. Percebe-se que a máxima do radiojornalismo que afirma que o buraco na rua é mais importante que um terremoto na China continua valendo.

#### 4.4.9 O mapa da cidade

A partir dos locais citados é possível traçar um mapa da Porto Alegre que o programa representa. É interessante notar que a maioria dos bairros nomeados na amostra são próximos à sede da rádio, que fica na Av. Ipiranga, no prédio da Zero Hora. A única zona que aparece mais que os arredores de Menino Deus, Azenha e Santana é o bairro Centro. Outras localidades são citadas menos vezes, e muitas são mencionadas apenas brevemente no programa de sábado por estarem alagadas.

Mas mesmo que a amostra tenha seu noticiário focado em poucos bairros, o programa não deixa de estabelecer uma noção de cidade ampla e única. No programa que cobre os estragos causados por temporais, muitas ruas e bairro são citados e, mesmo que o sejam rapidamente, a apresentação de diversos lugares sob as mesmas condições situam-nos na mesma cidade como iguais. Ao ouvinte fica a impressão de que os locais que passam por dificuldades – mesmo que o ouvinte em questão esteja no bairro Petrópolis e o alagamento na Ponta Grossa – estão próximos, são a sua cidade, e não um lugar distante que não lhe diz respeito.

Além de conectar a cidade, o programa situa Porto Alegre no Estado, no País e no mundo. É bastante reforçada a condição de Capital do Estado em todos os programas. Por ser o Chamada Geral um programa voltado ao Rio Grande do Sul e focado em Porto Alegre, quando uma notícia de São Paulo ou outro estado brasileiro é veiculada supõe-se que ela tenha alguma relação ou efeito sobre a cidade. Traça-se, portanto, uma conexão entre Porto Alegre e outros locais inseridos em um mapa maior. De maneira mais abstrata, enxerga-se uma relação entre a cidade e locais ainda mais distantes, como Xangai, geralmente de caráter econômico, estritamente ligado às bolsas de valores.

#### **4.5 Conexões com o segmento rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada**

Muitos dos resultados encontrados neste trabalho reforçam as descobertas do segmento de rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada, que analisou os programas Comando Geral, da rádio Farroupilha, Gaúcha Hoje, Era uma vez em Porto Alegre e Correspondente Ipiranga, da rádio Gaúcha e BandNews 3ª edição, da rádio BandNewsFM<sup>4</sup>. Independente de reiterar ou fazer oposição àquelas conclusões, os resultados dialogam, e traçar as conexões entre eles confere maior abrangência a este trabalho que se limitou ao estudo de um programa.

É interessante notar que não importa o estilo do programa em estudo, a cidade é retratada com grande ênfase na violência e nas vias de circulação. Seja o Comando Geral, que se baseia na tragédia e no assistencialismo para cativar o ouvinte, o Gaúcha Hoje, programa de *hard news* no início do dia, o BandNews 3ª edição, com uma proposta de desacelerar o ritmo do dia, o Correspondente Ipiranga, que concentra o maior número de informações possíveis em dez minutos, ou o objeto de estudo deste trabalho, o Chamada Geral, noticiário mais voltado a Porto Alegre, todos os programas reforçam para o ouvinte o medo de assaltos, os locais perigosos, a noção de ameaça constante.

Também o futebol ganha destaque neste trabalho e na pesquisa, geralmente por meio da agenda de jogos da dupla Gre-Nal. As participações dos ouvintes verificadas tanto nos programas que integram a pesquisa Porto Alegre Imaginada como nesta monografia versam sobre temas

similares: manutenção de equipamentos públicos como sinaleiras, postes, fornecimento de água e luz; problemas encontrados em linhas de ônibus ou movimentação do tráfego de veículos; violência urbana; enfim, temas relacionados à prestação de serviços e obrigações do poder público com a cidade.

Outra coincidência entre os estudos é a cidade apresentada por meio da narração. As referências a locais, fatos, pessoas ou situações são, salvo raras exceções, feitas pela voz, não por sons ou outros recursos sonoros. Além disso, como concluiu a pesquisa Porto Alegre Imaginada, o rádio assume a função de termômetro e cronômetro da cidade, constantemente informando horário e temperatura.

Há apenas uma diferença significativa entre os resultados da pesquisa e os da análise do Chamada Geral. A cidade traçada no segmento rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada é totalmente descentralizada, feita de vias de circulação, pela entrada e saída na Capital, grandes avenidas, tendo como referência constante o aeroporto. Já na amostra do Chamada Geral, o aeroporto é citado apenas uma vez e apenas como referência ao local onde se pensa construir o novo estádio do Grêmio. As vias de entrada e saída da cidade só apareceram no caso de um motorista que parou o carro no meio da Freeway. Além disso, há uma pequena tendência a falar mais dos bairros próximos do centro da cidade, como Menino Deus, Azenha, Santana, que também são os bairros nas cercanias da sede da rádio Gaúcha. Ao não falar das vias de acesso à cidade, o Chamada Geral parece se voltar mais para quem já está dentro de Porto Alegre.

---

<sup>4</sup> Para fins comparativos serão considerados os programas noticiosos do segmento, excluindo-se apenas um programa, Era uma vez em Porto Alegre, cuja proposta tem caráter histórico e ficcional e não jornalístico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar como se dá a representação de Porto Alegre no radiojornal Chamada Geral, iniciamos este trabalho com um estudo acerca das Paisagens Sonoras da cidade. Baseando-se na obra de Murray Schafer, procurou-se caracterizar o ambiente sonoro urbano que o homem vem construindo desde a Revolução Industrial. Também abordamos os termos dotados por Schafer para estudar os ambientes sonoros, identificando neles “sons fundamentais”, “sinais” e “marcas sonoras”.

Das paisagens sonoras urbanas, passamos a discutir o rádio, que não apenas alternou estas paisagens, como modificou a forma das pessoas se relacionarem com a cidade e passou a atuar em sincronia com os ritmos da rotina humana reiterando-os nos seus próprios ritmos. Assim, constata-se que a velocidade acelerada dos dias de hoje encontra reforço nas vozes contínuas, velozes e sem pausas do radiojornalismo. Da mesma maneira, os raros tempos de ócio e descompromisso, são representados nos momentos informais compartilhados por apresentadores e comentaristas quando abordam assuntos mais leve, tal como o esporte.

Após discutir o rádio e suas relações com a cidade, nos aprofundamos nas questões referentes ao radiojornalismo. Procuramos estabelecer as ferramentas que o veículo possui para representar a realidade e, mais tarde, verificar se estas ferramentas são utilizadas para recriar a cidade no rádio. Na construção da credibilidade perante o ouvinte, obrigado a disputar a atenção dele com outros estímulos e evitar que ele se desligue da narração, o repórter de rádio precisa se valer de recursos para garantir a efetividade da comunicação. Destes, destacamos os enunciados curtos e objetivos, a ordem direta, a empostação de voz e a alternância de vozes, todos utilizados, de alguma maneira, no Chamada Geral.

Ainda dentro do radiojornalismo, adentramos o universo dos elementos não-verbais, como música, efeitos sonoros e ruídos. Geralmente relegados a segundo plano nos programas noticiosos, é na ausência deles que teóricos e pesquisadores apontam o potencial desperdiçado do rádio. Para algumas escolas, tudo aquilo que soa e não é palavra deveria ser explorado a fim de provocar a imaginação do ouvinte e torná-lo um agente ativo da comunicação. Não podemos ignorar, porém, que há os defensores da manutenção da linguagem de rádio como uma linguagem

puramente abstrata, que dispensa a necessidade de simular a realidade objetivamente, bastando a palavra para representar o mundo. No encerramento desta seção, transitamos pelas estruturas do radiojornalismo, demonstrando que a rádio Gaúcha, emissora do programa em estudo, se organiza de maneira linear, com uma grade de programação com segmentos que têm início, meio e fim, mas conteúdos semelhantes.

No capítulo final, partimos para a análise do programa Chamada Geral lançando mão da metodologia desenvolvida para o segmento de rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada. Na composição do universo, decidiu-se trabalhar com uma semana composta de gravações, a fim de obter maior abrangência temporal. Organizando os elementos do programa em estratos (sonoro, fônico-lingüístico, temporal e objetos apresentados), debruçamo-nos sobre os resultados encontrados a fim de revelar a cidade representada no programa.

Encontramos uma Porto Alegre repletas de falhas. Ao cumprir sua função de fiscalizador e denunciador das faltas do poder público junto à sociedade, o jornalismo produzido no Chamada Geral pinta uma cidade violenta, desestruturada, engarrafada, que alaga sob a chuva, que não possui vias e transporte público para suprir satisfatoriamente seus habitantes, que se define, essencialmente, por falhas. Estas impressões partem, em sua maioria, dos ouvintes, mas são reforçadas pelo apresentador e pelos repórteres.

A construção desta cidade se dá principalmente por meio da fala. Ainda que ocorram exceções, como uma reportagem especial sobre os corredores de ônibus de Porto Alegre – que faz uso de trilha própria, música expressiva, efeito sonoro e sinal sonoro ambiental – via de regra, a informação se sustenta apenas em palavras. A cidade por trás da voz é texturizada por ruídos, sons distantes e abafados. As paisagens ambientais são restritas e por elas pouco se adivinha do espaço representado.

Por mais que não surpreenda que uma cidade de paisagens sonoras *lo-fi* apareça no rádio por meio de sons *lo-fi*, o programa poderia fazer maior uso do ambiente. Por exemplo, na cobertura da passeata dos carteiros, que foi da avenida Ipiranga até o centro e foi acompanhada por um repórter, constatamos que não há um ruído ambiental, onde provavelmente havia gritos de ordem, confusão no trânsito interrompido, buzinas, etc. Em casos como este, a ilustração sonora do fato poderia colaborar no despertar da curiosidade do ouvinte, na manutenção da atenção conquistada e na contextualização da notícia. Fora estes benefícios imediatos, o programa poderia

se tornar registro histórico das paisagens sonoras da cidade, posto que a documentação é uma das funções exercidas pelo jornalismo.

Pelos conteúdos levantados na amostra, percebemos que a Porto Alegre do rádio difere da cidade real ao apresentar apenas um recorte dos objetos que fazem parte da cidade, mas reproduz algumas de suas características, como os ritmos de vida. A constante reiteração do horário supre a necessidade dos ouvintes de manter controle sobre a passagem do tempo para organizar as atividades do dia. As informações sobre trânsito passam a idéia da cidade em movimento, dos ouvintes em deslocamento guiados pelo rádio.

Ao final do trabalho, colocamos os resultados encontrados na observação do Chamada Geral ao lado dos resultados encontrados no segmento de rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada, em desenvolvimento na FABICO-UFRGS, a fim de estabelecer um diálogo entre os trabalhos e verificar onde eles se aproximam ou se afastam. Nas questões relacionadas à temporalidade e aos objetos apresentados, as descobertas, de maneira geral, coincidem: o rádio está sempre marcando a passagem de tempo e enfoca suas pautas nos problemas da cidade.

Houve diferença quanto aos mapas traçados pelos programas. Nas amostras da pesquisa Porto Alegre Imaginada constatou-se uma cobertura descentralizada, que desenha uma zona de vias expressas, com referências frequentes ao aeroporto e às vias de entrada e saída da cidade. No Chamada Geral, as situações relatadas têm uma pequena tendência a se concentrar nos locais próximos ao centro da cidade e à sede da rádio, na avenida Ipiranga, como os bairros Menino Deus, Azenha e Santana. O aeroporto, presença marcante na pesquisa realizada pela Universidade, aparece apenas uma vez na amostra do Chamada Geral e somente para servir de referência ao local onde se planeja construir o novo estádio do Grêmio. O que ambos os trabalhos têm em comum é a representação da cidade como local de deslocamentos, com ênfase aos ônibus e às grandes avenidas.

Considerando os resultados deste trabalho, colocados no plano dos resultados de uma pesquisa de maior abrangência, podemos afirmar que o radiojornalismo não representa o espaço urbano em sua totalidade tal como ele é. Ainda que fosse possível e provavelmente proveitoso ao Chamada Geral tentar modificar esta situação, não acreditamos que ela seja um problema em si ou prejudique fatalmente o conteúdo que chega ao ouvinte. A cidade transmitida pelas ondas do rádio é mostrada a quem já a conhece, que compartilha do mesmo entorno que os radiojornalistas, portanto o rádio não precisa apresentar o espaço como se falasse a pessoas recém chegadas a

Porto Alegre que buscam um quadro geral do que vão encontrar. O rádio, por meio do Chamada Geral, se confirma como um veículo de dimensões locais, que usa a proximidade dos ouvintes a seu favor e, mais que representar a cidade, visa falar sobre ela a quem pode vê-la com seus próprios olhos.

Cientes dos limites de um trabalho monográfico, acreditamos ter cumprido o objetivo geral do trabalho de entender como o radiojornalismo representa o espaço urbano a partir de um estudo de caso específico. Dessa forma, esperamos ter contribuído com a reflexão sobre a percepção da cidade a partir do discurso resultante das práticas jornalísticas e indicado algumas das muitas maneiras de como o estudo das paisagens sonoras pode contribuir na construção deste discurso.

## REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. A Linguagem Radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2005

BARTHES, Roland. **O Grão da voz**: entrevistas. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2005

CHAMADA GERAL. Apresentado por Antônio Carlos Macedo. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 24 mar. 2008, 11h. Duração: 1h.

CHAMADA GERAL. Apresentado por Antônio Carlos Macedo. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 1º abr. 2008, 11h. Duração: 1h.

CHAMADA GERAL. Apresentado por Antônio Carlos Macedo. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 9 abr. 2008, 11h. Duração: 1h.

CHAMADA GERAL. Apresentado por Antônio Carlos Macedo. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 17 abr. 2008, 11h. Duração: 1h.

CHAMADA GERAL. Apresentado por Antônio Carlos Macedo. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 25 abr. 2008, 11h. Duração: 1h.

CHAMADA GERAL. Apresentado por Daniel Scola. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 3 maio 2008, 11h. Duração: 1h.

GOLIN, Cida . A expressão radiofônica de uma cartografia sonora: estudo da série Porto Alegre, paisagens sonoras. **InTexto**, v. 17, p. 01-14, 2007.

HAYE, Ricardo. Sobre o Discurso Radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2005

HONK KONG TOURISM BOARD. **Sounds of Kong Kong**. Discover Hong Kong. Disponível em <http://www.hktb.com/eng/interactive/sounds/index.jhtml>. Acesso em: 14 jun. 2008

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. Revista Ghrebh 9. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=WulfPort>. Acesso em: 14 jun. 2008

JOSÉ, Carmen Lucia; SERGL, Marcos Julio. Paisagem Sonora. In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Brasília, 2006.

KAPLÚN, Mario. **Produccion de programas de radio: el guion - la realización**. Quito: Ciespal, 1978

MANZANO, Rodrigo. Ouvido-Repórter. Por um radiojornalismo acústico. In: , XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002, Salvador

MEDITSCH, Eduardo. Meias Verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v.2, n.3, p.99-110, 2003

\_\_\_\_\_. A Nova Era do Rádio. In: DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Brasília: UNB. 1999

\_\_\_\_\_. **Rádio na Era da Informação – teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MENEZES, José Eugênio de. **Rádio e Cidade: Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007

QUADROS, Marta Campos de. Rádio e Cidade: Aproximação e Mapas Noturnos de Tempos e Espaços. In: **Famecos**, Porto Alegre, n.6, p.126-135, 1997

SALOMÃO, Mozahir. Rádio e a experiência de arte segundo Haye. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2005

SCHAFFER, Murray. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Unesp, 2001

\_\_\_\_\_. O Ouvido pensante. São Paulo: Unesp, 19991

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, 2006

WULF, Christoph. O Ouvido. Revista Ghrebh 9. Disponível em:  
<http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=WulfPort>. Acesso em: 14 jun. 2008

## ANEXO A - TABELA DE INFORMAÇÕES GERAIS

### 1 IDENTIFICAÇÃO E FICHA TÉCNICA

Chamada Geral – 1ª edição

Rádio Gaúcha, 600 AM

De segunda-feira a sábado, das 11h às 12h

Duração: 1 hora

Apresentador: Antonio Carlos Macedo

Repórteres: Juliano Rodrigues, Luís Henrique Benfica, André Silva, Sérgio Boass, Daniel Scola, Fernando Zanuzo, Cid Martins, Mauro Saraiva Jr., Eduardo Matos, Giane Guerra, Rodrigo Orengo

Comentaristas: Débora Morsh (economia), Rafael Cechin (Viver Bem), Anonymous Gourmet (gastronomia)

### 2 DESCRIÇÃO DO PROGRAMA, CONTENDO SUA ESTRUTURA FORMAL, DURAÇÃO, APRESENTADORES, CARACTERÍSTICAS DE GÊNERO E DE FORMATO

A primeira edição do Chamada Geral vai ao ar às onze horas da manhã, de segunda a sexta, apresentado por Antonio Carlos Macedo, e sábado apresentado por Daniel Scola. O programa é um dos mais importantes radiojornais da emissora, com conteúdo local, regional e nacional. O foco principal do Chamada Geral são as notícias de Porto Alegre. Além do noticiário, o programa tem informações de trânsito, previsão do tempo e quadros de culinária, consumo e dicas de saúde.

### 3 ANÁLISE DA LINGUAGEM

#### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

A primeira vinheta, que apenas abre o programa, é composta por um fundo musical animado e rápido e uma voz masculina que apresenta o programa e seu apresentador. O programa tem uma trilha de abertura e encerramento para os blocos que costuma ficar como fundo musical no início de cada bloco, mas depois é encerrada, sem substituição por outra trilha. A música é enérgica, urgente e repetitiva. Não há efeitos sonoros ou outras músicas ao longo do programa. Para o bloco de esportes a trilha escolhida é um pouco mais leve, mais aguda e animada.

#### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

O apresentador Antônio Carlos Macedo tem a voz grave, um tom que passa seriedade e fala de maneira clara e sonora. Nos momentos em que ele abre os blocos, comenta a temperatura ou chama participações, sua entonação se aproxima da natural, a fala é mais solta. Mas quando ele dá as primeiras informações de uma notícia que será aprofundada por um repórter, sua voz fica mais monótona, mais formal, mais grave.

A exceção é o momento em que o assunto é futebol, quando, ao conversar com os repórteres, independente de estar fazendo um comentário pessoal ou dando uma informação noticiosa seu tom é mais coloquial. Os repórteres esportivos tratam Macedo com informalidade. Eles interagem em um diálogo que começa bastante distante do diálogo natural. Mas ao longo da conversa, conforme eles se soltam, percebe-se que há algum improvisado, o discurso vai se naturalizando e há até interrupções. Após alguns minutos, o discurso está bastante próximo do

natural, em que se começam frases que se emendam em outras, há sobreposição de vozes e os jornalistas costumam se despedir dizendo "abraço".

A analista do mercado financeiro, Débora, se refere a locais como "Xangai" e "Europa". Ela usa termos em "economês", que um leigo não entenderia

Não há grande diferenciação entre o texto noticioso e os informes comerciais ditos pelo apresentador. A maior marca de coloquialidade no discurso de Macedo é no encerramento do programa quando ele costuma se despedir com um amigável "Tchau!".

O repórter Juliano Rodrigues tem a fala pausada, quase truncada, que dificulta a concentração na sua voz. O repórter Eduardo Matos fala enfatizando as palavras-chave da matéria como "safra" ou "soja" ou "18 por cento". O repórter Daniel Escola tem a fala marcada por ênfases em palavras aparentemente aleatórias, que, provavelmente, deveriam dar melodia à fala, mas acabam criando um discurso um pouco sem sentido, se formos realmente dar maior importância às palavras enfatizadas. Giane Guerra é a única voz feminina no programa que aparece todos os dias, com o Boletim do Consumidor. Os outros repórteres têm o que poderíamos chamar de vozes neutras, com falas que seguem o padrão radiofônico.

Todos os jornalistas usam frases curtas. No geral, os jornalistas tentam naturalizar o seu discurso, esforçando-se dar à fala variações melodiosas. Já os entrevistados costumam ir no sentido contrário, tentando tornar mais formal o seu discurso natural, não treinado para o jornalismo.

É comum eles se referirem à Porto Alegre como "capital", "capital gaúcha", "capital metropolitana", "capital dos gaúchos", etc. O único aspecto que Macedo costuma comentar da cidade é o céu e o tempo, ao afirmar que o tempo está nublado ou azul, com ou sem nuvens, etc.

### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

Ao longo de todo programa, o apresentador está constantemente anunciado a hora e a temperatura na capital. . O programa é transmitido das 11h ao meio-dia, de segunda a sábado, com duração total de uma hora, da qual cerca de 45 minutos é do programa em si e o restante de intervalos comerciais.

### **Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Este estrato será explorado nas tabelas específicas para cada edição do programa.

## **ANEXO B - TABELA DO DIA 24 DE MARÇO - SEGUNDA-FEIRA**

### **Resumo da edição**

#### **BLOCO 1**

Homicídios no final de semana de Páscoa no Rio Grande do Sul  
 Motes nas estradas gaúchas no mesmo fim de semana  
 Esporte: Dupla GRE-NAL se prepara para o jogo de quarta-feira  
 Possibilidades de jogos e vencedores do Gauchão  
 Agenda da seleção brasileira

#### **BLOCO 2**

Recém-nascido abandonado em Canoas  
 Recém nascido morto em Vacaria  
 Polícia gaúcha ajuda na busca de casal suspeito de venda de bebês  
 Informações de trânsito do feriado e do momento  
 Projeto educacional dos Azuizinhos  
 Safra gaúcha tem perdas com estiagem  
 Previsão do tempo com Cléo Kuhn  
 Leilão de dívidas  
 Indústria de calçados prevê demissões  
 Informações do mercado  
 Análise do Mercado com Débora Morsh  
 PT discute alianças  
 Ficha Técnica

#### **BLOCO 3**

CPI do Detran  
 Ouvintes

#### **BLOCO 4**

Quadro Viver Bem  
 Boletim do Consumidor  
 Ouvintes  
 Anonymous Gourmet  
 MP denuncia morte de corretora

#### **BLOCO 5**

Ouvintes

### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

Não há um universo sonoro que diferencie este programa do habitual. Mesmo os quadros presentes penas aqui, como o Viver Bem e a participação do Anonymous Gourmet, não possuem trilha própria.

**Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

Ao falar dos crimes na capital, o repórter Juliano Rodrigues cita uma fonte para dizer que o aumento da violência deve-se a um descontrole emocional das classes mais baixas. A fonte, o professor de sociologia da UFRGS, afirma que a violência na população marginal acaba se deslocando para a população.

O diálogo sobre futebol é informal a maior parte do tempo. Apenas quando Sérgio Boass fala de Londres sobre a seleção brasileira o discurso é menos natural e mais pausado e Macedo não o interrompe em momento algum.

A participação do Anonymous Gourmet é o momento mais animado de todo o programa. Ele é o único que se dirige diretamente aos ouvintes usando "você" com naturalidade. Sua fala é pausada e ele repete idéias constantemente, provavelmente para dar tempo ao ouvinte anotar a receita do dia. Rafael Cechin, do quadro Viver Bem, tem um discurso quase didático. As palavras que ele escolhe para falar sobre saúde são simples e conhecidas.

**Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

O apresentador diz 26 vezes ao logo do programa a hora

Homicídios 1'52''

Mortes no trânsito 1'22''

Futebol 10'39''

Recém-nascido abandonado 30''

Recém-nascido morto 8''

Venda de bebês 47''

Trânsito 38''

Azuizinhos 1'52''

Safra gaúcha 40''

Leilão de dívidas 55''

Calçados 45''

Análise Mercado 2'

PT 40''

Detran 2'30''

Ouvintes 35''

Viver Bem 1'25''

Consumidor 1'30''

Ouvintes 55''

Anonymous 1'40''

MP 45''

Ouvintes 20''

**Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Nesta edição, têm destaque os seguintes personagens: Professor de Sociologia da Criminalidade da Ufrgs Juan Mario Randino; Alessandro Castro, inspetor da Polícia Rodoviária Federal; a dupla Gre-Nal; Diretor-presidente do sindicato dos Agentes de Fiscalização de Trânsito Marcelino Pogozelski; Flávio Vaz Neto, presidente do Detran RS; os "azuizinhos"

No Boletim do Consumidor, Giane Guerra fala nos lojistas da cidade, na CDL e nos consumidores. O repórter Cid Martins, ao noticiar a morte de uma corretora, se refere à "Praça Japão" e ao "bairro Boa Vista"

Entre os locais citados estão a avenida Ipiranga, nas proximidades do colégio Protásio Alves, apontada como local de freqüentes assaltos; o bairro Cidade Baixa, citado duas vezes (uma por atraso na entrega de contas da Brasil Telecom e outra por motivo de assalto); o hospital Moinhos de Vento, por um ouvinte que pede doações de sangue. A praça Japão é cenário do assassinato de uma corretora de seguros.

No quadro dos ouvintes, uma professora de deficientes mentais reclama que seus alunos estão deixando de ir à instituição por serem constrangidos no ônibus por não terem recebido ainda o cartão TRI de passe livre.

## **ANEXO C - TABELA DO DIA 1º DE ABRIL -TERÇA-FEIRA**

### **Resumo da edição**

#### **BLOCO 1**

Drama diário para quem anda de ônibus em Porto Alegre – Especial com os repórteres andando de ônibus pela manhã

Grêmio em Goiânia

Inter enfrenta surto de hepatite

Trânsito e passeata dos grevistas dos Correios

#### **BLOCO 2**

Presos criminosos que buscavam novos integrantes para quadrilha de traficantes

Vereadores de Sapucaia do Sul pedem bloqueio dos bens do prefeito

CPI dos cartões

Novas taxas de serviços

Indicadores financeiros

Plano de ampliação dos poderes do FED

Quadro Viver Bem sobre diabetes

Previsão do tempo

#### **BLOCO 3**

Ouvintes

Boletim do Consumidor

Trânsito e a passeata dos carteiros

Epidemia de dengue no RJ aumenta venda de repelentes

#### **BLOCO 4**

CPI do Detran e Lei Seca nos estádios de futebol

Ouvintes

### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

A reportagem especial sobre os ônibus da cidade tem trilha especial, de ritmo muito rápido.

Dentro da mesma reportagem, o momento em que o repórter retoma a história da construção dos primeiros corredores de ônibus em Porto Alegre há uma trilha musical de fundo, uma música que remete ao passado, tempo que o narrador remonta. Para trazer o ouvinte de volta ao presente, há um efeito sonoro de bater de teclas (como de uma máquina de escrever), seguido pela sonora com o especialista em trânsito. O restante da reportagem é feita apenas com som ambiente, portanto ouvem-se barulhos de trânsito, conversas e uma ambulância em determinado momento.

Nos boletins externos, gravados no centro da cidade na passeata dos carteiros, não há sons do ambiente.

### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

Na apresentação, Macedo se refere à Porto Alegre como “a capital dos gaúchos”.

Este programa é um dos casos em que os ouvintes falam por si mesmos. Há a voz de uma moradora do bairro Cristal que pede sinaleira ou faixa de pedestres na esquina das ruas Chuí com Caraí.

### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

O apresentador diz 19 vezes ao logo do programa as horas

Drama para quem anda de ônibus – 5’  
 Esporte – 11’45’’  
 (Grêmio em Goiânia – 4’30’’)  
 (Dengue em Goiânia – 1’20’’)  
 (Inter enfrenta surto de hepatite – 5’55’)  
 Manifestação dos grevistas dos Correios – 1’45’’  
 Prisão de traficantes – 50’’  
 Vereadores de Sapucaia do Sul – 45’’  
 CPI dos cartões – 1’16’’  
 Taxas serviços bancários – 2’28’’  
 Indicadores financeiros – 15’’  
 FED – 4’  
 Viver Bem – 1’  
 Previsão do tempo – 1’40’’  
 Ouvintes 1’20’’  
 Anúncio dos Esportes ao Meio dia – 30’’  
 Boletim do Consumidor – 1’  
 Passeata dos carteiros – 35’’  
 Epidemia de dengue no RJ – 20’’  
 CPI do Detran 1’53’’  
 Lei Seca – 28’’  
 Ouvintes – 35’’

### **Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Na reportagem especial sobre os ônibus de Porto Alegre, muitas ruas e personagens são citados. Três repórteres da rádio haviam percorrido 19,5km das 31 estações das avenidas Assis Brasil, Bento Gonçalves e Protásio Alves. As reportagens foram gravadas na quarta-feira anterior à transmissão, nos horários de pico do movimento: das 7h às 8h e das 17h às 18h.

O especial é apresentado pelo repórter Jocimar Farina. A primeira sonora é com especialista em trânsito João Fortini Albano. O repórter Juliano Rodrigues percorre 8km na Protásio e Osvaldo Aranha, no sentido bairro-centro, em 31 minutos. Saindo da rua Manoel Elias, ele conta que quando chegou na primeira parada do corredor da Protásio, o carro já estava lotado. Sobre isso, fala o cobrador do ônibus.

O repórter Eduardo Matos esteve na Assis Brasil percorrendo 4km, do terminal Triângulo até a estação junto ao viaduto José Eduardo Utzi. Ele também relata que os ônibus já chegam lotados ao corredor e apresenta sonora com uma passageira.

O repórter Geison Silva percorre a Bento Gonçalves por 10km, também no sentido bairro-centro, na linha Bom Sucesso. Ao contrário dos outros repórteres, ele não subiu no ônibus no

início da linha, e sim na primeira parada do corredor da avenida, e como nos outros casos, o carro já estava lotado, com todos assentos ocupados e onze pessoas em pé.

O repórter Eduardo Matos narra que presenciou um motoqueiro no corredor de ônibus e encerra o especial com sonora com Secretário Municipal de Transportes, Luiz Afonso Sena, falando sobre quem pode transitar nos corredores.

Trânsito – Mauro Saraiva Jr. usa o prédio da Zero Hora como referência geográfica, onde há uma manifestação dos grevistas dos Correios. O repórter também dá o roteiro da passeata, que passará pela rua General Câmara, Sete de Setembro e Borges de Medeiros. Será realizado um ato público na Esquina Democrática, e pela Julio de Castilhos os manifestantes retornarão ao Correio Central. Mais tarde, Mauro fala do centro da cidade, acompanhando a passeata, que ainda passou pelo Palácio do Comércio, Av. Mauá e rua Capitão Montanha.

Também consta no programa a Vila Santo Antônio, como local de ação de traficantes; O estádio Beira-Rio e a Dupla Gre-Nal.

Nos momentos dedicados à participação dos ouvintes, são citados o bairro Cristal (para onde uma moradora pede uma sinaleira), a Zona Norte (uma ouvinte pede conserto de luminária no bairro Rubem Berta), a linha de ônibus Evel que faz o itinerário Viamão-Porto Alegre, e a Brigada Militar (uma ouvinte alega que quase foi atropelada por uma viatura no corredor de ônibus da Av. Augusto Meyer, no bairro Auxiliadora).

## **ANXO D - TABELA DO DIA 9 DE ABRIL - QUARTA-FEIRA**

### **Resumo da edição**

#### **BLOCO UM**

Golpe contra crime: Polícia recupera armas furtadas em Canoas

Esportes: Copa do Brasil

#### **BLOCO DOIS**

Visita incômoda: Presidente do Tribunal de Contas visitou a casa de um dos indiciados pela fraude no Detran

Defesa do Papagaio pede habeas corpus e transferência para o Rio Grande do Sul

Comerciante ferido em assalto na Grande Porto Alegre

Previsão do tempo

#### **BLOCO TRÊS**

Região metropolitana tem 2ª maior inflação do País

Relatório FMI e queda da bolsa

Ouvintes

Resposta de Macedo a um ouvinte que questiona porque o esporte tem tanto tempo no programa

#### **BLOCO QUATRO**

Notícias do Inter

Decisão em Brasília mobiliza autoridades gaúchas

Polêmica: proibição de capacetes em estabelecimentos comerciais

### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

Em uma gravação feita na portaria do prédio do presidente do Tribunal de Contas, ouvem-se o repórter, o porteiro e o trânsito.

### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

Neste programa, o ouvinte ganha voz. José Fernando Costa reclama da empresa de ônibus Vicasa.

### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

A hora é informada 17 vezes

Golpe contra o crime: 3'55''

Esportes: 9'17''

Visita incômoda: 5'50''

Papagaio: 45''

Assalto com ferido: 36''

Previsão do tempo: 1'15''

Inflação: 1'55''

Mercado financeiro: 15''

FMI e queda da bolsa: 6'20''

Ouvintes: 1'05''

Resposta de Macedo a um ouvinte: 1'28''

Inter: 1'30''

Decisão em Brasília: 3'12''

Polêmica: 3'

### **Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Locais: Hotel Deville na zona norte da capital; Bilheteria do Olímpico, onde pessoas eufóricas com camiseta compravam ingressos, de acordo com o que Macedo viu na TV; área em torno do Olímpico “sobretudo aquele trecho que vai da rótula do Papa até a Carlos Barbosa pela José de Alencar”, como relata Bemfica. Tal trecho não está acessível para carros pois é uma região para emergência caso a BM tenha que sair de carro correndo. O repórter diz que concorda com a postura da BM, mas que ela irrita torcedores que dizem que o acesso ficou muito demorado ao estádio. “Hoje a BM prometeu um pouco mais de flexibilidade e isso pode fazer com que os torcedores cheguem mais cedo”, diz Bemfica. Macedo responde: “o trânsito por si só é demorado e é preciso sair mais cedo ou abrir mão do transporte particular e ainda assim sair cedo”. Bemfica: “Não há como estacionar carros numa área inferior a 20km do Olímpico. Então quem puder... claro que andar de ônibus às vezes não é muito confortável, mas é uma opção”. A conversa leva os jornalistas a falar dos planos da construção de um novo estádio para o time. Macedo: “não é absurdo que o novo estádio do Grêmio tenha que ir para uma área maior na periferia de Porto Alegre. Esse miolo do Olímpico está saturado”. Bemfica: “sem falar na necessidade de duplicação de algumas avenidas, como a Azenha, por exemplo”. Macedo: “não tem com duplicar a Azenha a não ser que retirem centenas de casas e lojas, não tem como. O estádio como se avizinha no bairro Humaitá, às margens da Freeway na saída de Porto Alegre, a meio caminho do Vale dos Sinos (Bemfica comenta que fica a duas estações de Trensurb) até perto do aeroporto, da chegada de Guaíba, facilita o acesso e o entorno pode ser usado para estacionamento”. Bemfica comenta que p estacionamento teria até 6 mil vagas.

Na reportagem sobre a CPI do Detran, o apartamento de José Antônio Fernandes, dono da empresa Pensante, é citado. No bairro Bela Vista, no prédio Green Park, ele recebeu o presidente do Tribunal de Contas João Luís Vargas.

A cidade é citada em depoimento de ouvinte que reclama da empresa de ônibus Vicasa que faz o itinerário Cachoeirinha-Porto Alegre.

O Beira Rio é citado em matéria sobre o Inter.

Personagens citados na matéria sobre Decisão em Brasília: Delegado Ranolfo Vieira Jr, pres. Da Ajuris, Carlos Marchionatti e pres. da OAB-RS, Cláudio Lamachia.

O vereador José Ismael Heinen é citado por ser autor da lei que proíbe o uso de capacetes em estabelecimentos comerciais em Porto Alegre.

## **ANEXO E - TABELA DO DIA 17 DE ABRIL - QUINTA-FEIRA**

### **Resumo da edição**

#### **BLOCO UM**

Promessa de uma nova fase: Governadora Yeda afirma que em breve se colherão melhorias Esportes

#### **BLOCO DOIS**

Protestos de professores suspendem aulas

Previsão do tempo

Trânsito

Operação tenta combater pirataria no centro de Porto Alegre

Empresa responsável pela construção do camelódromo começa instalação

Boletim do Consumidor: Aumento taxa de juros

Informações do mercado financeiro.

#### **BLOCO TRÊS**

Macedo abre espaço para réplica do secretário de Canoas, Chico Fraga, e prefeito Ronquete Ouvintes

Ex-ministro da educação do governo FHC abre contas para a imprensa

Mais mortandade de peixes no Rio Gravataí

Intensifica a busca por assassino confesso de adolescente no Vale do Rio dos Sinos

DMAE concluiu obra da Estação Moinhos de Vento.

Luz da AES Sul fica mais barata

### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

Não há marcas sonoras nesta edição. Mesmo na matéria no centro da cidade, não se ouvem ruídos ou som ambiente.

### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

Macedo se refere à Porto Alegre como a “capital dos gaúchos”. Sobre o Palácio Piratini, Macedo diz que ano passado “era uma usina de más notícias, agora é diferente”.

### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

Macedo informa hora 25 vezes

Promessa de uma nova fase no governo gaúcho 6'40"

Esportes 17'15"

Protestos suspendem aulas 40"

Previsão do tempo 1'20"

Trânsito 48"

Operação contra pirataria 20"

Camelódromo 40"

Boletim do Consumidor 1'22''

Mercado Financeiro 2'45"  
Prefeitura de Canoas 2'03''  
Ouvintes 50"  
Ex-ministro abre contas 47"  
Rio Gravataí 1'45"  
Busca por assassino 1'47"  
DMAE 52"  
Luz da AES Sul 1'32"

**Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Um acidente na Av. AJ Renner atrapalha o trânsito; o Centro de Porto Alegre, especificamente a av. Mauá e a Praça Rui Barbosa são citados por serem locais de atuação de vendedores de mercadorias pirateadas; A Secretaria de Educação é citada pelo protesto dos professores que se aglomeram em frente ao prédio. Para situar o ouvinte sobre a localização da Secretaria, é informado que ela fica no prédio do Centro Administrativo. Yeda Crusius é citada como estando bem humorada; Dupla Gre-Nal; DMAE (citados duas vezes: um ouvinte não é atendido ao ligar para o 115; a instituição concluiu obras de manutenção no Moinhos de Vento). Um ouvinte está no hospital Parque Belém, Zona Sul e avisa que na Av. Oscar Pereira há um lixão com pneus a céu aberto.

## **ANEXO F - TABELA DO DIA 25 DE ABRIL - SEXTA-FEIRA**

### **Resumo do programa**

#### **BLOCO UM**

CPI do Detran – Encontro suspeito gera nova polêmica: Ariosto Culau e Lair Ferst se encontraram em um shopping para tomar chopp por mais de trinta minutos.

#### **BLOCO DOIS**

Esportes – Final do Campeonato Gaúcho e Amistoso do Grêmio

#### **BLOCO TRÊS**

Ouvintes (bingo irregular em Canoas; assaltos; calendário de pagamentos ao funcionalismo público)

Boletim do Consumidor – Inflação

Mercado Financeiro – Medidas do Banco Central

#### **BLOCO QUATRO**

Investigadas denúncias de corrupção e abuso em abrigo de Porto Alegre

Prefeitura de Bagé anuncia volta do racionamento na cidade

Previsão do tempo

Informações de Trânsito

#### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

Na cobertura de Benfica do treino do Internacional no estádio Beira-Rio, ouve-se ao fundo ruídos ambientais como pessoas conversam, alguém assobia

#### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

Na reportagem sobre as irregularidades no abrigo Pio Buck, as vozes dos repórteres se alternam para dar as informações.

#### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

Macedo anuncia o horário 13 vezes ao longo do programa.

CPI do Detran 11'15''

Esportes 15'50''

Ouvintes 1'12''

Boletim do Consumidor 1'58''

Mercado Financeiro 5'18''

Denúncias sobre abrigo de Porto Alegre 1'54''

Volta do racionamento em Bagé 1'

Previsão do tempo 28''

Trânsito 1'05''

**Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Espaços apresentados: praça de alimentação de um shopping de Porto Alegre não especificado onde se encontraram o então Secretário de Planejamento Ariosto Culau, o empresário Lair Ferst.

O Palácio Piratini e Assembléia Legislativa como espaços políticos; o Estádio Beira Rio; Instituto de Cardiologia, rua Princesa Isabel e vias paralelas, como sendo uma região assaltos freqüentes.

O Abrigo Pio Buck foi cenário de uma reportagem especial sobre os abusos sofridos pelos internos, suas famílias e alguns funcionários por parte da administração da casa.

Personagens apresentados: Fabiano Pereira, Yeda Crusius; Dupla Gre-Nal, seus técnicos e jogadores; o supervisor técnico do IBGE Ademir Koucher; os internos do abrigo Pio Buck que sofrem abusos, o corregedor da Superintendência de Serviços Penitenciários José Ribeiro Serpa; Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa

## **ANEXO G - TABELA DE 3 DE MAIO - SÁBADO**

### **Resumo da edição**

#### **BLOCO UM**

Temporal, chuva forte, rajadas de vento acima de 100km/h. Chuvas nas últimas 30 horas superam 140mm em Porto Alegre. Maiores problemas do Estado estão na região metropolitana e região norte.

Repórter Zanuzo está em Alvorada, onde também chove.

Repórter da RBS TV, Jonas Campos, esteve em Guaíba, onde muitos locais estão alagados.

Repórter Milena Schuller está na zona norte do Estado

Fotos na zerohora.com

Em Torres, repórter da RBS TV, Marcelo Magalhães, relata a situação do tempo no momento

Pollyana Guimarães: 229.500 gaúchos estão sem luz + Informações sobre estradas gaúchas

Previsão do tempo com Cléo Kuhn

#### **BLOCO DOIS**

Esporte – Amanhã é final do Campeonato Gaúcho no Beira Rio entre Juventude e Inter; Grêmio está em Florianópolis

Zero Hora traz manchete do ciclone; aborda 181 assassinatos de 2007; decisão do Gaúchão; Era pós-Fidel; Previdência

#### **BLOCO TRÊS**

Fábio Almeida nas ruas de Porto Alegre, principalmente na Zona Sul, onde as chuvas fizeram grandes estragos.

Em outras cidades, a chuva foi mais fraca. Cidades que sofriam com a estiagem devem ter situação melhorada.

Fenasoja – Feira Nacional da Soja em Santa Rosa

Exposol – Feira de Soledade

#### **BLOCO QUATRO**

Caminhoneiro morreu atingido por árvore nas proximidades de Serafina Corrêa ajudando a desbloquear a estrada

Zanuzo em Alvorada: famílias desabrigadas

Milena Shculer na zona norte do Estado: situações nos municípios

Pollyana Guimarães: fornecimento de energia elétrica

### **Sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia)**

Nesta edição, parece haver um esforço em eliminar ruídos de fundo, pois mesmo nas reportagens feitas nas regiões recém atingidas por fortes temporais, não se ouve nada além das vozes do repórter e dos entrevistados.

### **Fônico-lingüístico (inflexão da voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais utilizadas para se referir à cidade)**

São reportados diversos alagamentos e engarrafamentos na cidade. Uma moradora descreve como “situação de calamidade” o que ocorre no bairro Ponta Grossa.

### **Temporal (temporalidade expressa e duração do texto, horário de transmissão)**

Scola informa o horário 27 vezes

Temporal em Porto Alegre 3'28''  
 Temporal em Alvorada 4'02''  
 Temporal em Guaíba 50''  
 Temporal na região norte do Estado 2'39''  
 Fotos de zerohora.com 47''  
 Temporal em Torres 2'26''  
 Fornecimento de energia elétrica 2'02''  
 Situação nas estradas 1'30''  
 Previsão do Tempo 1'26''  
 Esportes 11'06''  
 Zero Hora dominical 1'22''  
 Retomada temporal em Porto Alegre 1'41''  
 Benefícios em cidades que sofriam com estiagem 1'4''  
 Fenasoja 1'06''  
 Fenasol 1'22''  
 Morte de caminhoneiro 1'14''  
 Retomada temporal em Alvorada 37''  
 Retomada fornecimento de energia elétrica 57''  
 Retomada temporal na região norte do Estado 1'09''

### **Objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de Porto Alegre, pessoas, ação, sentimentos)**

Locais: região metropolitana; zona norte do Estado; Ruas General Caldas e Barão do Triunfo, bairro Menino Deus, Zona Sul, estrada do Lami, Avenidas Beira Rio, Padre Cacique e Caraiá, Belém Novo, Restinga, rua Dorival Castilhos Machado, na Hípica, Zona Sul, Ponta Grossa, casebre na Ponta Grossa, Vila Farrapos, Navegantes, Região da Ilhas, Hotel Roma, na Av. Farrapos; estádio Beira Rio; Terceira perimetral, região do Beira Rio, Carlos Gomes, Plínio Brasil Milano; bairro Partenon

O cenário apresentado nas ruas de Porto Alegre é de árvores e postes caídos, galhos de árvores bloqueando as vias, sinaleiras apagadas, fios elétricos arrebentados e muitos pontos alagados. Além do acúmulo de água nas ruas que prejudica o trânsito de carros, córregos na periferia da cidade transbordaram. No bairro Hípica, um mecânico precisou ajudar os vizinhos a saírem de suas casas com um barco. Na zona leste, um casebre desabou devido à chuva e aos fortes ventos. Na avenida Farrapos, o telhado do hotel Roma desabou e prejudicou o trânsito. Os bombeiros são citados duas vezes ao longo do programa: são criticados por terem prometido voltar a uma zona de alagamento, mas não terem retornado; e são citados por estarem ajudando moradores da Ponta Grossa. Ao final do programa, a EPTC é citada por estar recolhendo árvores caídas na Terceira Perimetral.